

ANA PAULA BASSO REDAELI



1290001192



FE

TCC/UNICAMP R245p

**A PEDAGOGIA WALDORF
E A EDUCAÇÃO INFANTIL**

UNICAMP

2003

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

2003-01-15

ANA PAULA BASSO REDAELLI

**A PEDAGOGIA WALDORF
E A EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação / Unicamp, sob a orientação da Professora Dra. Ângela Fátima Soligo.

UNICAMP

2003

ANA PAULA BASSO REDAELI



1290001192



FE

TCC/UNICAMP R245p

**A PEDAGOGIA WALDORF
E A EDUCAÇÃO INFANTIL**

UNICAMP

2003

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

2003-01-15

ANA PAULA BASSO REDAELLI

**A PEDAGOGIA WALDORF
E A EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação / Unicamp, sob a orientação da Professora Dra. Ângela Fátima Soligo.

UNICAMP

2003

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	ICC/unicamp
	R245p
V:.....EX:	
TOMBO:	1192
PROC.:	117104
C:.....D:.....	X
PREÇO:	11,00
DATA:	17/02/04
Nº CPD:	abid.310244

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Rosemary Passos - CRB-8ª/5751

Redaelli, Ana Paula Basso.

R245p A pedagogia Waldorf e a educação infantil / Ana Paula Basso Redaelli. –
Campinas, SP: [s.n.], 2003.

Orientador : Angela Fátima Soligo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

Waldorf, Método de educação. 2. Antroposofia. 3. Educação infantil.

I. Soligo, Angela Fátima. II. Universidade Estadual de Campinas.

II. Faculdade de Educação. IV. Título.

03-191-BFE

Agradecimentos

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por toda força e convicção que em mim plantaste ao longo dessa caminhada.

Agradeço à orientadora, professora Ângela Fátima Soligo, pela oportunidade que me cedeu para realizar esta pesquisa.

Agradeço à segunda leitora, professora Soely Polydoro, pelas dicas e correções.

Com muito carinho agradeço à Simone Facure, ao Peter Biekarck e à Elisa Manzano, pela atenção e pelo apoio.

Agradeço aos meus pais Ana Mariza e José Carlos, e ao meu irmão Daniel, pela força que me deram para a realização deste trabalho.

Agradeço a todos os meus familiares e amigos que pelos apoios e incentivos recebidos, contribuíram para minha formação acadêmica.

Obrigada a todos de coração!

Ana Paula Basso Redaelli

*“Nosso mais alto
empenho deve ser o de
desenvolver seres humanos
capazes de, por eles próprios, dar
sentido e direção às suas vidas”.*

Rudolf Steiner

SUMÁRIO

1. Apresentação.....	06
2. Introdução	07
2.1. História da Educação (Educação Moderna)	07
2.2. Histórico da Pedagogia Waldorf	09
2.3. Levantamento de Escolas Waldorf no Brasil	13
2.4. Biografia do Fundador	13
2.5. Rudolf Steiner e a Antroposofia	14
2.6. Princípios da Pedagogia Waldorf	17
2.6.1. Terceiro Setênio	21
2.6.2. Segundo Setênio	23
2.6.3. Primeiro Setênio	42
2.7. Educação Infantil	46
3. Objetivo	59
4. A Pesquisa	59
5. A Pedagogia Waldorf em Pesquisas Brasileiras	72
6. Análise e Conclusão	73
7. Referências Bibliográficas	76
8. Apêndice	79

1. Apresentação

O presente trabalho faz uma discussão teórica sobre alguns aspectos da história da educação enfocando a corrente humanista e contextualizando o surgimento da Pedagogia Waldorf. Em seguida há uma descrição sobre os fundamentos e princípios básicos da proposta Waldorf, além de uma análise sobre a aplicação dessa pedagogia em um Jardim de Infância localizado na cidade de Campinas.

Quanto à educação de uma forma geral, a pedagogia Waldorf atribui grande importância às fases de desenvolvimento do ser humano (setênios – de sete em sete anos) e seu currículo é elaborado de acordo com esse desenvolvimento. Na Educação Infantil há a organização de um ambiente para o convívio com a natureza onde há fantasia e criatividade, além de um trabalho de preparação para a aprendizagem. No Ensino Fundamental, o professor trabalha os assuntos que devem ser propiciados à vivência dos alunos através de uma arte de educar. No Ensino Médio o ensino assume realmente um caráter científico.

A escolas Waldorf, segundo pesquisas, estão crescendo pelo mundo como também a procura por seminários que dão cursos sobre essa pedagogia (na cidade de São Paulo, o curso é reconhecido pelo MEC). Na cidade de Campinas já existe uma iniciativa com salas de Jardim de Infância e primeiros anos do Ensino Fundamental.

São poucos os trabalhos realizados nas Universidades a respeito da Pedagogia Waldorf e penso ser de extrema importância que tal pedagogia chegue ao conhecimento dos pedagogos em formação uma vez que possibilita discussões que podem auxiliar muito a situação educacional na qual nos encontramos atualmente.

2. Introdução

2.1 História da Educação (Educação Moderna)

Através da História da Educação é possível perceber as tendências pedagógicas características de cada época.

Na Modernidade, o primeiro aspecto das mudanças está ligado à difusão do projeto educativo e sua colocação no âmbito do Estado. Essa época foi definida como Idade das Revoluções. É também nascimento e desenvolvimento de um sistema social que tem como eixo o indivíduo.

O século XVI, segundo Manacorda (1995), foi característico por revoluções pedagógicas que se efetuaram menos nos fatos do que nas idéias. O quadro geral da educação européia permaneceu o mesmo, porém seu espírito começou a modificar-se e com o tempo as novas idéias acabaram por influenciar as instituições.

O Humanismo, nesta época (Cambi, 1999), caracterizou-se em particular pela retomada do pensamento antigo. Esse retorno foi um modo novo de aproximar-se dessa cultura: filológico de um lado, dialético de outro. A abordagem filológica significava restauração dos textos, sua interpretação histórica capaz de colher seu significado.

Tal retorno abrangerá os estudos pedagógicos e a práxis escolar. Ativava uma polêmica contra as tradições medievais, o enciclopedismo, o logicismo e o formalismo de uma cultura Além disso, era contra a subordinação à teologia e teorização aristotélica. O Humanismo, afastando-se dessa cultura, indica uma nova: “funcional para a natureza e para o crescimento do homem, para a sua vontade de dominar e de mudar o mundo, para a sua identidade...” (Cambi, 1999, p. 240).

Na base dessa pedagogia renovada estava também uma nova imagem de infância e da juventude, valorizando a autonomia, ingenuidade, inocência e dando vida a uma visão de criança que estará no centro de toda cultura e vida social na Idade Moderna e Contemporânea. O Humanismo oferece-nos um novo ideal formativo e uma nova etapa de estudos. Para Cambi (1999), a importante transformação educativa e pedagógica empreendida pelo Humanismo ativará um processo que caracterizará a pedagogia moderna. O Humanismo, colocando o homem como centro, acaba abrindo a divergência existente entre liberdade e autoridade, indivíduo e sociedade, que permanecerá no centro da educação dessa época influenciando pensamentos até nossos dias.

Todo o universo da educação veio a mudar tanto na finalidade como também na maneira de se educar.

Segundo Manacorda (1995), os grandes humanistas do século XVI, Erasmo, Budé, Rabelais, mais tarde Montaigne, lançaram no domínio pedagógico idéias novas. Certas aspirações do século XVI não entraram em grande evidência na época, porém, transformaram-se e afloraram dois séculos depois com maior força na consciência filosófica. Os termos ciência, natureza, humanidade, tomaram desde então, firme consistência. Manacorda afirma que Montaigne reconhecia a necessidade da educação para preservar o espírito da criança e conduzi-lo ao desenvolvimento segundo uma constituição natural. Para ele, todo homem pode achar em si o conhecimento da humanidade inteira. Cada indivíduo deve descobrir a regra da vida que melhor convenha à sua índole. Montaigne combatia o empirismo, a rotina intelectual e a falsa ciência uma vez que a verdadeira (que “dá os porquês”) pode ser instrumento de cultura e servir à vida.

A característica da educação humanista, no século XVI, é tomar o homem como centro na existência, por oposição ao teocentrismo da Idade Média.

Segundo Manacorda, Comenius (1592-1671) foi o primeiro pedagogo dos tempos modernos. O princípio fundamental de sua pedagogia é formar o homem com vistas à vida espiritual também levando em conta a vida temporal e civil. Para ele, o homem deve adquirir três coisas: ciência, moral e sentimento religioso (o homem já possui o germe dessas, porém é necessária a educação para desenvolvê-las). É uma educação fundada na natureza da criança e orientada para o conhecimento das coisas.

Essa linha de pensamento vai se fazendo, se transformando por toda a História. A educação, a criança, o professor vão ganhando sentido, valores e papéis novos de acordo com cada concepção pedagógica.

Uma pedagogia humanista, adaptada ao tempo presente, deve atingir o homem na totalidade de suas aptidões corporais, intelectuais, práticas, afetivas, espirituais. A totalidade, a unidade e a liberdade são características essenciais de uma educação que vise à formação do ser humano como um todo.

“Essa educação deve ser concebida de maneira a ser, ou a tornar-se, auto-educação, isto é, manifestação e desenvolvimento das possibilidades imanentes ao ser (...) o dever presente do homem é salvar sua humanidade, seu poder de invenção de si mesmo, sobrepujando todas as forças materiais que tendem a escravizá-lo. Como no tempo de Platão, como no século da Renascença, como na época de Rousseau, o problema da educação é todo o

problema do destino do homem, de seu destino na natureza, de seu destino na sociedade, de seu destino segundo o Espírito” (Hubert, 1976, p. 363).

A história da educação é um elemento fundamental para se começar a fazer uma relação das tendências pedagógicas com o contexto em que surgiram. Pode-se compreender o presente e suas características através de um resgate histórico para se construir um caminho complexo e não-linear, a fim de se obter seu processo e seu sentido. A Modernidade é o precedente mais imediato de nossa Contemporaneidade. Através desse breve apanhado, pode-se perceber que idéias e pensamentos que são cultivados em determinada época podem aflorar posteriormente em diferentes momentos e influenciar as sociedades. O campo da educação é um meio em que se trabalha diretamente com valores, culturas, conceitos de sociedade, indivíduo e de mundo. A relação da escola com a sociedade é direta.

Pode-se notar que há uma discussão histórica em torno do homem e seu desenvolvimento. A Pedagogia Waldorf (que possui base na antroposofia) também possui essa preocupação e essa visão a respeito do ser humano. Rudolf Steiner, fundador dessa pedagogia, propõe que o professor deve almejar a integração de seus alunos no mundo. “Um pensar dirigido por um querer sereno, um querer domado por um discernimento inteligente, tudo isso permeado com sentimentos fortes, mas não egoístas: eis o ideal que o educador deveria almejar. Evidentemente, ele respeitará a individualidade de cada um de seus alunos” (Lanz, p. 54). A preocupação com o aspecto da espiritualidade também não é novidade para a história.

A primeira escola Waldorf foi fundada em 1919 na Alemanha e a partir de então se espalhou pelo mundo todo.

Rudolf Steiner elaborou uma concepção de ser humano e da vida, através da antroposofia (ciência da qual falarei mais adiante), que deu origem a impulsos não só na área da Pedagogia, mas também para a Medicina, a Arquitetura, a Agricultura, a Organização Social, a Arte (Proposta Educacional Waldorf, 1998).

2.2 Histórico da Pedagogia Waldorf

A pedagogia Waldorf nasceu num contexto de crise social e econômica após a Primeira Guerra Mundial. Nessas circunstâncias, Rudolf Steiner tentou contribuir com novas perspectivas para as primeiras tentativas de autogestão e cidadania com os princípios da Trimemoração do Organismo Social. Ele revalorizou os impulsos da Revolução Francesa: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, como diretrizes máximas das diferentes funções sociais.

Concebeu a Liberdade como o princípio que deve reger a vida cultural-espiritual; a Igualdade como alicerce da questão jurídico-legal e a Fraternidade como sustento imprescindível para a atividade econômica. Foi desse impulso social que surgiu a Primeira Escola Waldorf (Proposta Educacional Waldorf, 1998).

Emil Molt, diretor da fábrica de cigarros Waldorf / Astória em Stuttgart, Alemanha, era um colaborador desse Movimento Social. Ele se dispôs, em 1919, que se proferissem palestras para seus empregados sobre temas sociais e educativos. Como consequência, surgiu entre os trabalhadores o desejo de que seus filhos recebessem uma educação escolar mais adequada às reais necessidades do desenvolvimento humano na modernidade. Em consequência, E. Molt dirigiu-se a Rudolf Steiner e pediu-lhe que ajudasse a organizar, segundo sua concepção sócio-antropológica, uma escola para os filhos dos operários de sua fábrica. Steiner teve um intenso estudo sobre pedagogia, didática e metodologia com os docentes para a elaboração da sua proposta pedagógica. Em setembro de 1919, começou a funcionar a primeira escola Waldorf, em Stuttgart, Alemanha, com 12 docentes e 256 alunos (Proposta Educacional Waldorf, 1998).

Como escola livre, a escola Waldorf tornava real o impulso da autogestão como escola para crianças de qualquer procedência, capacidade, raça, religião.

No Brasil, um pequeno grupo de amigos, os casais Schmidt, Mahle, Berkhout e Bromberg, que se reuniam regularmente para estudar obras pedagógicas de Rudolf Steiner, preocupados com a idéia de qual poderia ser a contribuição da Antroposofia para o Brasil e para um mundo melhor, em 1954 resolveram fundar uma escola Waldorf (Proposta Educacional Waldorf, 1998).

Em 27 de Fevereiro de 1956, à rua Albuquerque Lins, bairro de Higienópolis, em São Paulo, começa a primeira Escola Waldorf no Brasil, de acordo com a realidade brasileira e com a tarefa de fundamentar seu trabalho na imagem espiritual do Homem - Antroposofia.

Um casal de professores da Escola Waldorf da Alemanha foi convidado para ser fundador da escola. Eles lecionavam e preparavam professores para lecionarem a Pedagogia Waldorf.

A Escola começou com um grupo de jardim de infância e um primário, no total de 28 alunos. O primário logo foi reconhecido como escola experimental e assim que foram completadas as quatro séries iniciais, o interesse dos pais pela pedagogia levou à decisão de se implantar o ginásio. A escola mudou para uma propriedade rodeada de bosques e jardins, no Alto da Boa Vista (Santo Amaro).

Em 1979, o ensino fundamental da Escola Waldorf Rudolf Steiner foi autorizado a funcionar com o acompanhamento do Professor de Classe, do 1º ao 8º ano.

Durante os doze primeiros anos, a escola era bilíngüe e o seu abraqueiramento realizou-se à medida que a Pedagogia Waldorf foi sendo assimilada por professores brasileiros.

Em 1975 foi possível concluir a primeira classe do então 2º grau.

Antes disso, em 1970, atendendo à crescente necessidade de formação e aprimoramento na Pedagogia Waldorf, nasceu o primeiro Seminário de Pedagogia Waldorf no Brasil. Esse Seminário foi fundado pelo casal Rudolf e Mariane Lanz.

Hoje, o Seminário tornou-se um Centro de Formação de Professores que funciona como Escola Normal, autorizado pelo Parecer CEE nº 576/97 e pela Portaria da Dirigente Regional da 17ª Delegacia de Ensino da Capital, que possibilitaram a sua instalação e funcionamento.

A Escola Waldorf Rudolf Steiner chegou a um tal crescimento, que surgiu a necessidade de fundação de mais uma escola Waldorf. Assim, em 1978, foi fundado o Colégio Micael, em São Paulo, próximo a Cotia.

A partir daí, muitos outros movimentos aconteceram, surgindo então vários jardins de infância e outras escolas no estado de São Paulo e em outros estados.

A Pedagogia Waldorf foi apontada pela UNESCO como sendo uma pedagogia capaz de responder aos desafios educacionais, principalmente nas áreas de grandes diferenças culturais.

Até recentemente, segundo Mizoguchi, o sistema brasileiro de educação mostrava-se incapaz de implementar o programa de inclusão de camadas mais carentes da população, colocando o Brasil entre os países mais populosos com alto índice de analfabetismo (<http://www.federacaoescolaswaldorf.org.br>).

Em 1990, sob os auspícios da UNESCO, Banco Mundial e outros, realizou-se na Tailândia o encontro de ministros de educação com o objetivo de discutir a questão educacional e foi consolidada a proposta de universalização do ensino fundamental.

Em 1993, houve nova reunião desses países na Índia, de onde originou a carta de intenções que explicita o plano decenal para a erradicação do analfabetismo em alguns países (dentre eles o Brasil).

Em 1994, em Genebra (Suíça), todas as linhas pedagógicas foram convidadas a se apresentarem e a Pedagogia Waldorf recebeu um destaque especial dos órgãos patrocinadores, graças à atuação da Associação Amigos da Arte de Educar de Rudolf Steiner, resultando no lançamento de vídeo e de um encarte pela UNESCO sobre Pedagogia Waldorf (Shigueyo Mizoguchi).

A nova lei de diretrizes e bases (LDB 9394/96), dá ampla liberdade às escolas para apresentarem suas Propostas Pedagógicas. Ela incorporou alguns conceitos inovadores para a

maioria das escolas como a questão da progressão continuada do aluno, o respeito pela relação idade/série, aspectos importantes e que são bastante familiares à Pedagogia Waldorf.

Em 1997, para atender a esta nova legislação iniciou-se, com a participação de representantes de todas as escolas Waldorf, a sistematização da Proposta Educacional Waldorf. Esta Proposta tinha dupla finalidade: a de produzir um documento oficial das escolas Waldorf para apresentar à comunidade educacional e a de servir como base para a elaboração do Regimento Escolar, que é o conjunto de normas que viabilizam a execução da Proposta. A preocupação desse grupo de trabalho foi a preservação da filosofia e da pedagogia antroposófica.

Desta forma tornou-se possível mostrar às autoridades, os aspectos peculiares e notáveis da Pedagogia Waldorf e que permaneciam, na prática, restritos ao âmbito da comunidade escolar. O boletim descritivo é um exemplo que foi reconhecido oficialmente pelos órgãos da Secretaria da Educação e que privilegia a avaliação qualitativa do processo de ensino e aprendizagem (Veja mais sobre o boletim descritivo utilizado nas escolas Waldorf na página 41).

Paralelamente à elaboração da Proposta Educacional Waldorf, em 1998, o Centro de Formação de Professores Waldorf (Seminário) empenhou-se em oficializar-se como curso Normal. O Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo pronunciou-se favoravelmente à criação do curso fazendo referências à Federação como entidade organizadora de todas as escolas que se orientam pela linha antroposófica.

Como consequência, em abril de 1998 foi fundada a Federação das Escolas Waldorf no Brasil, que hoje congrega as escolas Waldorf espalhadas pelo país, e tem como um dos objetivos, consolidar a Pedagogia Waldorf na sociedade brasileira. A Federação é uma entidade civil, sem fins lucrativos, regida por um estatuto social registrado. Localiza-se na cidade de São Paulo e é responsável por alguns cursos de formação de professores da Pedagogia Waldorf, palestras, além de representar as escolas Waldorf em funcionamento no Brasil.

Existem hoje, no mundo, cerca de 900 escolas Waldorf e 1706 jardins de infância distribuídos entre os cinco continentes.

2.3 Levantamento de Escolas Waldorf no Brasil.

O quadro abaixo apresenta o número de escolas Waldorf existentes no Brasil atualmente. Destas, quatro possuem o ciclo completo (até o fim do ensino médio).

Algumas escolas, conquistando o apoio da prefeitura, tornaram-se municipais como é o exemplo de uma escola do Rio de Janeiro e uma de Minas Gerais.

ESTADO	NÚMERO DE ESCOLAS
CEARÁ	1
GOIÁS e BRASÍLIA (D.F)	3
MATO GROSSO	2
MINAS GERAIS	6
PARANÁ	2
PERNAMBUCO	1
RIO DE JANEIRO	3
SANTA CATARINA	2
SÃO PAULO	32
BAHIA	1
RIO GRANDE DO SUL	1

(Fonte: <http://www.federacaoescolaswaldorf.org.br>)

2.4 Biografia do Fundador

Rudolf Steiner, filósofo, fundou e desenvolveu a Ciência Espiritual Antroposófica, ou Antroposofia. Ele nasceu em Kraljevec (Áustria) em 27 de fevereiro de 1861, pertencia a uma família humilde e trabalhadora tornando-se autodidata muito cedo. Frequentou a escola técnica em Viena, onde estudou Matemática, Física, História Natural. Desde o início acompanhou seus estudos universitários com estudos filosóficos, literários e de História Geral. Participou da edição das obras de Goethe desde 1883, como responsável pela edição dos trabalhos do autor relacionados com as Ciências Naturais. Em 1891 tornou-se doutor em Filosofia. Depois de alguns anos passados em Berlim, como escritor de uma conhecida revista literária, Steiner dedicou-se a uma intensa atividade como conferencista e escritor, no intuito de expor e de divulgar a Antroposofia, de início no âmbito da Sociedade Teosófica e mais

tarde na Sociedade Antroposófica (o movimento antroposófico teve início em 1913 em Munique). Construiu em Dornach (Suíça) o Goetheanum, Sede da Escola Superior Livre de Ciência Espiritual, que foi destruído em 1922 por um incêndio e substituído posteriormente por um novo modelo. Em janeiro de 1924, Rudolf Steiner reinaugurou a Sociedade Antroposófica tornando-se membro e presidente. Steiner faleceu em Dornach, em 30 de março de 1925, depois de ter realizado extraordinárias contribuições no campo da organização social, da pedagogia, da medicina, da farmacologia, da agricultura, no tratamento de crianças excepcionais. Tiveram elas grande repercussão e provocaram o surgimento de atividades antroposóficas em todos os continentes. No Brasil, a aplicação prática da antroposofia vem sendo realizada há muitos anos em várias instituições educativas.

2.5 Rudolf Steiner e a Antroposofia

Steiner apresentou uma nova forma de observar e entender o mundo e o homem, através da Antroposofia. Este termo já era usado por outros filósofos no século XIX, porém para designar concepções diferentes. A antroposofia, proposta por Steiner, descreve a realidade diferenciada em vários planos, sendo que o físico é apenas um deles. A observação comum do ser humano (através dos sentidos físicos) conhece apenas os objetos do plano material. Outros aspectos da realidade, os planos mentais e espirituais, podem se tornar acessíveis se desenvolvermos intencionalmente outras formas de observação.

O aspecto físico das coisas não perde a sua validade, mas ele passa a ser contextualizado a outros âmbitos da realidade de natureza suprasensorial (passa a significar outra coisa). Tudo que é descrito no sentido da antroposofia é (tem que ser) resultado de investigação espiritual, não podendo ser considerado como um conjunto de dogmas, ou uma mera filosofia ou ser taxada de religião. “O método que Steiner adota em seus trabalhos é o método fenomenológico. Este procura o esclarecimento e a explicação do processo através do qual o homem obtém o conhecimento do mundo conscientizado, através da observação pensante, suas características encontráveis na própria experiência” (Greuel, 1994, pp. 9-10). Steiner defende que para que um conhecimento se torne verdadeiro é preciso que se torne auto-conhecimento, ou seja, que faça sentido e seja conquistado através do pensar consciente do homem e não que seja algo imposto de fora.

A força do intelecto do homem conseguiu desmontar o mundo dogmático medieval e introduziu uma nova instância. Na época moderna, então, a visão do homem passou a ser influenciada pelo enfoque empírico-racionalista. O racionalismo, bem como o empirismo,

exige a substituição do princípio da autoridade e do dogma pela fundamentação do conhecimento em experiência e evidência racional.

Buscando uma nova forma de compreensão do universo, Galileu introduziu o experimento e Newton a matematização do conhecimento, tendência também articulada pelos filósofos Francis Bacon e Davis Hume, segundo Greuel. Dessa forma nasceu a ciência natural. De acordo com essa visão, o valor da existência do homem passou a ser material. “Num ambiente finito como a terra, com recursos limitados, essa ideologia leva fatalmente à corrupção ecológica justamente daquilo que é condição de toda existência material: a natureza” (Greuel, 1996).

Marcelo da Veiga Greuel, no livro *A obra de Rudolf Steiner* (1994) relata um pouco o desenvolvimento e a evolução da humanidade segundo a visão da Antroposofia. O momento e as circunstâncias passam a pedir um passo que só depende do ser humano e está além da cultura meramente intelectual. O homem precisa ganhar autonomia e autoconsciência a uma forma de observação que contemple o todo e compreenda as partes a partir desse todo. Como já foi dito anteriormente, Comenius, com sua pedagogia, já visava formar o homem com vistas à vida espiritual levando em conta também sua vida temporal e civil.

“Steiner se empenhou (...) a procurar e elaborar formas de conhecimento que, por um lado, não abrem mão da postura científica e não dogmática do mundo moderno, mas que, por outro lado, não restringem o conhecimento a esfera dos fenômenos materiais e quantificáveis (...) Dado que o ser humano não nasce com todas as suas aptidões desenvolvidas, ele precisa ser conduzido para poder encontrar e assumir a si mesmo” (Greuel, 1996).

Autores contemporâneos como Boaventura de Sousa Santos (2001) e Morin (1984) discutem a crise e a mudança dos paradigmas científicos. A própria ciência ao longo do tempo vem se transformando. A ciência experimental deixa de ter tanto valor uma vez que se constata que a ciência não se apropria da verdadeira realidade de algo e sim parte dessa realidade. Há muitas coisas por trás dos fenômenos que a ciência não é capaz de ver. Ela contribui e muito para o avanço da humanidade, porém o homem não pode se basear apenas nela.

Zaia Brandão (1994) discute a questão das crises dos paradigmas e sua relação com a educação. “A modernidade se caracteriza por uma ruptura com a tradição que leva à busca, no sujeito pensante, de um novo ponto de partida alternativo para a construção e a justificação do

conhecimento. (...) de acordo com este novo modelo, a subjetividade é o termo dominante na relação sujeito/objeto, enquanto relação de conhecimento. (...) O centro do sistema de conhecimento não é mais o real e sim o sujeito” (Brandão, 1994, pp. 20-21).

Com toda essa transformação das visões de ciência, do papel do ser humano na sociedade, do meio-ambiente, acaba por ser influenciada também a educação. Qual seria o papel da educação na sociedade atual?

Na atualidade, o bem estar do homem depende de sua participação no processo econômico, no mercado. Ele deve estar apto para entrar e permanecer no mercado de trabalho para garantir o sustento básico. Diante dessa habilidade e aperfeiçoamento que o homem deve ter atualmente, as escolas trabalham com uma preparação para vencer a concorrência do mercado, ou seja, preparam para a vida que é garantida com os bens de consumo que este oferece (Greuel, 1996). Desde Darwin, a razão da existência de um organismo é a de garantir a sobrevivência da espécie.

A Pedagogia Waldorf trabalha com uma complementação da visão de homem discutida no Humanismo. O ser humano não nasce com todas as aptidões desenvolvidas e é preciso que esse desenvolvimento aconteça para que ele possa assumir a si mesmo e definir sua própria vida.

A pedagogia do mercado acaba prendendo o homem por algo que domina no momento, na verdade deixa-o preso ao passado. É um ensino baseado em um acúmulo de informações deixando de desenvolver habilidades. A pedagogia que dá instrumentos para que o ser humano seja livre está por conta de seu futuro. O saber, neste caso, não é o fim último a ser atingido e sim o meio para que o aluno alcance harmonia em seu processo de autoconhecimento e conhecimento do mundo externo.

Rudolf Lanz (1979) ressalta que desde o berço o homem moderno está acostumado a uma total passividade mental devido a grande quantidade dos meios de massa, slogans prontos, graças à publicidade. É um consumidor passivo, com um pensar reduzido a um raciocínio mecanizado pelo cientificismo que culmina no computador. Sua criatividade, portanto, vai sendo atrofiada.

A Ciência Natural fez grandes conquistas principalmente no decorrer do século XIX e a Antroposofia chama a atenção para que se comece a perceber o estado da alma do homem que resulta da corrente da ciência natural em épocas mais atuais. Esta ciência levou cada vez mais o homem ao conhecimento da natureza exterior, mas o distanciou cada vez mais de sua própria essência humana.

Segundo Lanz, os conhecimentos são, portanto, um meio importante para a formação do ser humano, não são um fim em si, mas um instrumento poderoso e imprescindível. A pedagogia Waldorf não se utiliza o que é apenas conhecimento inútil, enciclopédico, sem relação com a vida.

2.6 Princípios da Pedagogia Waldorf

Rudolf Steiner fala de uma pedagogia reformadora, ou seja, que vai além dos conceitos existentes sobre a lógica, a fisiologia, a psicologia, as ciências naturais em geral. Essa pedagogia traz algo de novo a ser levado em conta.

Steiner chama a atenção ao papel do educador: “Temos de ficar cômnicos, antes de tudo, desta primeira tarefa pedagógica, que consiste em primeiro educarmos a nós próprios, fazendo reinar uma relação mental e espiritual íntima entre o professor e os alunos, e em entrarmos na classe conscientes de realmente existir tal relação, e não apenas as palavras, representações e habilidades pedagógicas” (Steiner, 1988, p. 27).

A personalidade de cada professor é algo muito marcante para a criança, e esta imagem fica gravada na memória desse aluno que um dia será um adulto. Penso que esse seja um dos motivos da importância de um profissional preocupado em desenvolver um trabalho de auto-conhecimento e auto-educação. “Possibilitar isso para a vida de alguém também faz parte da arte de educar e da prática da educação” (Steiner, 2000, p.17).

Steiner enfoca a importância da auto-educação do profissional da educação em primeiro lugar. É de extrema importância a postura desse profissional e sua posição interna em se preocupar com o que seus alunos mostram num plano espiritual.

Quanto à estruturação do currículo, neste momento é preciso levar em conta a vida atual que circunda os alunos para permitir que eles não fiquem alienados dessa vida.

Quatro características são importantes na educação: 1) Que o professor seja uma pessoa de iniciativa com seus alunos e com a escola; 2) O professor deve ser uma pessoa interessada nos assuntos da vida e do desenvolvimento das crianças; 3) O professor jamais deve compactuar com a inverdade, pois o ensino deve ser expressão da verdade que atua interiormente em cada educador; 4) O professor nunca deve azedar, deve ter disposição e bom humor. “Necessidade de fantasia, sentido de verdade, sentimento de responsabilidade – eis as três forças que constituem os nervos da pedagogia” (Steiner, 1988, p. 156).

O professor não precisa apenas de um conhecimento que lhe seja transmitido da pedagogia e da didática usual, precisa sobretudo de algo que se renova nele próprio. Precisa

de uma compreensão profunda da vida pois sua relação com os alunos está além do que é emitido pelos seus lábios.

A partir do conhecimento que o professor deve ter das fases de desenvolvimento da criança ele atua através de sua arte de educar com algo que seja verdadeiro para ele. A disposição e o empenho do professor tem muito valor na prática com os alunos.

Segundo Steiner, a antroposofia (ciência espiritual) deve ter por tarefa dar uma cosmovisão prática que abranja a essência da vida humana. “Não deve ser uma teoria indefinida destinada a satisfazer a mera curiosidade cognitiva, nem um meio reservado a uns poucos que, egoisticamente, almejam para si próprios um grau superior de evolução (...) pode contribuir para a solução das mais importantes tarefas da humanidade atual (...) a Ciência Espiritual não inventa programas, mas os deduz do que existe” (Steiner, 1987, p. 10).

No caso da questão educacional, ele descreve a natureza da criança para que a partir da essência do homem em formação surjam, como que por si mesmos, os princípios para a educação. Para essa descoberta é preciso uma observação do homem que vai além do sensório.

Procurando compreender o homem, constata-se que seu corpo é constituído dos mesmos elementos químicos que também formam o mundo ao nosso redor (oxigênio, cálcio, ferro, etc). Essas substâncias e suas composições entram e saem do corpo através da alimentação, respiração e secreção. O corpo físico, portanto, está sujeito às leis da física. Segundo a antroposofia, o homem possui esse corpo em comum com o reino mineral.

Além do corpo físico, a antroposofia fala também dos corpos: etérico, astral e eu. O homem possui então, a partir dessa visão, quatro corpos. – *Veja no apêndice maiores detalhes sobre a visão da antroposofia quanto à constituição do ser humano (corpos e almas) na página 80.*

O corpo etérico (ou corpo vital, corpo das forças plasmadoras), o ser humano o possui em comum com as plantas (Reino Vegetal). Este corpo é responsável pelo crescimento e reprodução, pelo fluxo dos líquidos e pela regeneração dos tecidos. Experiências realizadas por cirurgiões da área médica começam a comprovar a existência do corpo vital. A experiência se constitui em uma paciente ter alguma parte do corpo amputada e continuar sentindo esta parte por um grande período de tempo. Esta sensação é devido a existência do corpo etérico.

O corpo astral (corpo anímico ou corpo das sensações), o homem possui em comum com os animais. É o responsável pelos sentimentos, impulsos, desejos e também pela consciência.

O eu é o corpo existente apenas no Reino Humano responsável pela individualidade e pela autoconsciência.

Em relação à alma, procurando analisar as várias atividades anímicas do homem, Steiner chegou à conclusão de que seu número pode ser reduzido a três: o pensar – ao qual se deve juntar a percepção sensorial e a memória, o sentir e o querer (Lanz, 1979).

Essa divisão não se limita às atividades anímicas, ela tem reflexo na constituição física e nos graus de consciência da mente humana.

A Pedagogia Waldorf concebe o homem como uma unidade físico-anímico-espiritual e sobre esse aspecto fundamenta toda a prática educativa.

No corpo humano Steiner localiza o pensar no sistema neuro – sensorial centralizado na cabeça e na medula espinhal como o que possibilita a atividade pensante, o sentir no sistema rítmico centralizado na região do coração e pulmões (tórax) como o que possibilita o sentir e o querer no sistema metabólico–motor centralizado no abdome e membros como o portador da vontade, do querer. É importante ressaltar que não é possível perfilar tão abstratamente essas faculdades – pensar, sentir e querer – uma vez que na alma viva uma atividade vai se transpondo a outra. O sistema neuro-sensorial e o sistema metabólico-motor constituem uma polaridade, diante da qual o sistema rítmico expressa uma atividade intermediária. Assim também, pensar e querer são polares, tendo o sentir como intermediário. É dentro de si que o homem avalia (por reações de agrado ou desagradado, de simpatia ou de antipatia) as impressões recebidas, os conteúdos dos pensamentos e até a qualidade dos alimentos ingeridos.

Fala-se em “vontade” ao caracterizar a região inferior não no sentido da vontade clara e nítida de um ser consciente, “mas do impulso bruto, subjacente a todos os impulsos vitais...” (Lanz, 1979, p. 28). O ser humano nasce para o mundo físico, terreno, com uma vontade oriunda do plano espiritual. Steiner alerta para que na educação e no ensino do futuro, seja atribuído um valor muito especial ao cultivo da vontade e da vida afetiva.

As três atividades anímicas e sua projeção no corpo refletem suas características também no campo espiritual. Apenas os processos neuro-sensoriais nos são totalmente conscientes e, por outro lado, os processos de metabolismo permanecem na inconsciência: “nada sabemos da atividade de nosso fígado, do baço” (Lanz, pp. 28-29) O sistema rítmico é caracterizado por um estado intermediário, é uma semiconsciência.

Rudolf Lanz ilustra essa explicação com um quadro:

SISTEMA	PRINCIPAL LOCALIZAÇÃO NO CORPO	ESTADO DE CONSCIÊNCIA
Neuro-sensorial	Cabeça	Consciência Total: Vigília
Rítmico-circulatório	Tórax	Semi-consciência: Sonho
Metabólico-motor	Abdome e Membros	Inconsciência: Sono

Pensar (Intelecto)	Sentir (Sentimento)	Querer (Metabolismo e movimentos)
Plena consciência	Semi-consciência	Inconsciência

Os educadores atuam sobre o ser humano por inteiro, ou seja, sobre os quatro corpos e por isso é preciso conhecer a natureza desses. (Esses conceitos não devem ser aceitos como dogmas ou verdades, é necessário que exista uma busca própria de estudo e observação para que esses conceitos passem a fazer sentido). É importante ressaltar que ao nascer o homem já possui os quatro membros, mas na realidade, cada um desses membros tem seu momento para individualizar-se. Antes do nascimento, na gestação, a criança está envolvida pelo corpo da mãe. No momento do nascimento da criança, nasce o corpo físico (enquanto isso o etérico e o astral estão apenas como um envoltório). Aos sete anos “nasce” o corpo etérico e o astral continua como um envoltório. O término do trabalho do corpo etérico sobre o corpo físico manifesta-se exteriormente pela expulsão dos dentes de leite e pela formação da dentição definitiva. Novas forças (de memória, de raciocínio e de representações mentais) estão disponíveis para novas funções: a criança está na fase da maturação escolar. Aos quatorze anos de idade, na entrada da puberdade, “nasce” (ou torna-se autônomo) o corpo astral ou das sensações. No terceiro setênio, a evolução é menos aparente. O Eu se desenvolve até alcançar os vinte e um anos de idade. Em cada um desses períodos de sete anos (setênios) há subdivisões menos visíveis onde importantes mudanças ocorrem.

Steiner afirma que é preciso que o pedagogo compreenda as crianças que lhe são confiadas para a educação. “Quando os Senhores próprios tiverem um conhecimento bem avançado do ser humano em desenvolvimento, conhecimento permeado por sua vontade e

suas emoções, também estarão em condições de ensinar e educar bem...” (Steiner, 1988, p. 105).

O conhecimento das particularidades das fases do desenvolvimento do ser humano, através da observação e análise, permite que o ensino respeite esse desenvolvimento também. Esse é o motivo pelo qual a Pedagogia Waldorf defende que determinados assuntos devem ser dados em uma fase específica na educação uma vez que isso se torna sadio para o ser humano. Um exemplo disso é não alfabetizar as crianças no primeiro setênio. Nesta fase, há o respeito pela fase infância e esta deve ser vivenciada em sua plenitude. No segundo setênio, quando inicia-se a alfabetização, esta passa a ser uma grande novidade para as crianças que vivenciam esse momento com muita fantasia criada pelo professor.

A idade que interessa como um todo no ensino e na educação abrange os primeiros vinte e um anos de vida. Nesta etapa a vida é tripartida. Em cada etapa de sua evolução, o homem possui características específicas.

O ensino deve ser adequado às características de cada fase do desenvolvimento do ser humano. “(...) todo aprendizado deve dirigir-se primeiramente à vontade, depois ao sentimento, e só no fim chegar ao intelecto, mediante a elaboração de conceitos” (Lanz, p. 42).

A seguir há a descrição de algumas características dos três setênios de maior importância para a educação, iniciando pelo terceiro e finalizando pelo primeiro setênio do qual haverá um enfoque maior sobre a prática.

2.6.1 Terceiro Setênio (dos quatorze aos vinte e um anos de idade): começa a disposição para achar que “o mundo é verdadeiro”. Nesse momento o ensino pode se propor a assumir um caráter científico. No fim do terceiro setênio, o indivíduo pode e deve usar o pensar e o querer sem interferência de motivações de seu corpo, dos sentimentos ou do seu egoísmo. Ele se torna capaz de emitir julgamentos objetivos e de agir segundo critérios éticos.

“De um modo geral, o desenvolvimento da personalidade a partir do nascimento é igual nos dois sexos. No terceiro setênio aparece uma diferença: o sexo feminino é caracterizado por uma preponderância do corpo astral, o masculino por uma preponderância do eu. (...) o caráter da moça é mais sentimental do que o do rapaz; ela raciocina antes com sentimentos oriundos do seu corpo. Em seu comportamento exterior, ela mostra segurança e consciência de si, pois seu corpo astral ajuda seu eu ainda em vias de

desenvolvimento. (...) o rapaz (...) vive mais em seu eu; mas este é ainda pouco desenvolvido; falta-lhe a proteção da astralidade que constitui como que um envoltório. Por isso, os problemas do rapaz são mais agudos. Seu Eu ainda frágil choca-se com o mundo; ele é inseguro, (...) se refugia dentro de si..."
(Lanz, p. 52).

Os jovens querem a honestidade e a verdade, mesmo que isto implique na perda de ilusões humanas e de ideais. É preciso que se reconheça no educador do terceiro setênio suas reais qualidades, sua capacidade intelectual e sua integridade moral.

No adolescente de quatorze anos também deve existir o idealismo, porém de forma mais consciente. O jovem escolherá seus ideais de acordo com sua personalidade, e fará um esforço mais intenso para alcançá-los. O que era fantasia para a criança de sete a quatorze anos de idade, será criatividade consciente e busca de um ideal no terceiro setênio.

Muita coisa na educação depende do modo como se apresentam as coisas à determinadas faixas etárias. Existem três virtudes que precisam ser consideradas para toda a vida do homem. Em primeiro lugar aquilo que pode residir na vontade ligada à gratidão; em segundo, o que pode residir na vontade ligada ao amor; em terceiro, aquilo que pode residir na vontade ligado ao dever. Segundo Steiner (2000), as demais virtudes estão todas ligadas a essas principais.

No primeiro setênio (zero a sete anos de idade), quando o que aflui pela imitação refluir do interior da criança como veneração correta, haverá a gratidão. Esta pode manifestar-se no homem inconscientemente como uma sensação, um sentimento de ser grato a tudo o que ele vê na natureza. A gratidão cresce junto com a pessoa.

No segundo setênio (sete a quatorze anos de idade), é com a autoridade natural, que o amor tem que despertar.

O amor a Deus tem suas raízes na gratidão e a correta impulsividade moral tem sua origem no amor.

No terceiro setênio (quatorze a vinte e um anos de idade) deve-se despertar amor pelo trabalho.

Quando a gratidão e a capacidade de amor são desenvolvidas corretamente, então o senso do dever surge quando se completa a maturidade sexual" (Steiner, 2000, p. 131).

O período que culmina com a maturação de toda a personalidade, aos vinte e um anos de idade, deve trazer para o educador a tarefa da síntese de todas as qualidades de um discípulo. Além disso, o professor deve almejar a integração de seus alunos no mundo. O

adolescente deve ser formado no sentido de desejar fazer uma contribuição para o progresso do mundo. O jovem que se sente engajado num trabalho pelo bem da humanidade não sucumbe à tendência (própria dessa idade) de fixar sua atenção apenas em problemas pessoais. O indivíduo não existe por si só e por isso a educação deve desenvolver no ser humano o respeito ao próximo e o senso de responsabilidade social de cada um. “(...) O bom educador saberá dosar conforme a idade e a personalidade do discípulo, quanta liberdade poderá consentir. E, sobretudo, fará sentir ao jovem que a liberdade não é apenas um direito, mas implica em muitas responsabilidades; que existe a ‘liberdade de’, mas também a ‘liberdade para’” (Lanz, p. 57). Para que os professores realizem esse trabalho com seus alunos, devem ser integrados na vida e familiarizados com o mundo ao seu redor.

2.6.2 Segundo Setênio (dos sete aos quatorze anos de idade): dos sete até a puberdade, lidamos com a criança que deseja assimilar com base na autoridade aquilo que deve saber, sentir e querer. Com a puberdade começa um anseio do homem para estabelecer uma relação com o mundo ambiente a partir do juízo próprio.

Por volta dos quatorze anos, o corpo astral “nasce” e o eu começa a se destacar cada vez mais. A admiração ao que é belo e a atitude de amor pelo mundo encontram nessa idade, o despertar para a consciência do próprio corpo. Disso resulta o amor físico. A sexualidade é apenas a projeção dessa situação no plano corpóreo. Portanto, se a riqueza da vida sentimental ficou atrofiada no jovem devido uma educação mal dirigida, o erotismo assume uma importância doentia e anormal.

“O educador atuará, portanto, durante o segundo setênio, principalmente sobre o corpo astral. Através dele ele atinge os corpos etérico e físico, e prepara o desabrochar do próprio eu” (Lanz, p. 43). Steiner ressalta a falha que se comete ao inculcar conceitos nas crianças. Ele afirma que o ensino não deveria definir, os profissionais deveriam tentar caracterizar. É importante que se dê conceitos vivos às crianças que irão se desenvolver organicamente com elas mesmas. É importante relacionar tudo ao homem. O conceito de homem, então, vai se construindo paulatinamente. Não se pode oferecer um conceito pronto. A transformação das imagens e fenômenos em conceitos deve ocorrer paulatinamente.

“(...) O professor deve ser um artista, no sentido mais amplo da palavra, e todo o ensino deve ser uma obra de arte. Assim como o artista se dirige aos sentimentos do seu público, o professor alcançará suas metas exclusivamente apelando aos sentimentos e à fantasia dos seus discípulos” (Lanz, p. 46). Dessa maneira a criança sentirá que “o mundo é belo” (juízo que ela deve ter no segundo setênio).

Neste segundo setênio há um interesse da criança pelo que é atual.

Quando a criança entra na escola primária, ela já teve uma experiência anterior (aprendizado) onde imitou o mundo e as pessoas ao redor tendo despertado algo em seu espírito. Por isso, ao se ensinar a leitura e a escrita é importante que seja através da arte para que não morra aquilo que ela já traz consigo. O caminho é do elemento artístico à formação intelectual e não o contrário como se faz convencionalmente indo direto ao intelecto ao mostrar uma letra para a criança e fazê-la copiar.

As atividades do corpo e o esforço mental cansam. A cabeça e os membros têm que descansar. O que nunca pára é o sistema rítmico (respiração e circulação). As atividades artísticas fazem parte da educação e estas não cansam, elas regeneram.

Segundo Steiner (2000), quando a criança inicia sua fase de escolarização por volta dos sete anos de idade, ela não é uma folha não em branco, e sim com muitas coisas escritas. O educador precisa reconhecer os impulsos que a criança recebeu nos seus primeiros sete anos de idade e ver como poderá orientá-la para o que é exigido do ser humano mais tarde na vida.

Enquanto se educa uma criança, ela precisa crescer, ou seja, não se pode prejudicar ou perturbar esse crescimento através da educação.

Na primeira aula de um 1º ano escolar é fundamental deixar claro o porquê de elas estarem ali: para aprender algo. O professor pode falar sobre várias coisas que os adultos sabem e fazem e que eles vão aprender ali. As crianças devem, com sensibilidade, olhar com atenção e respeito às gerações mais antigas e o que elas já alcançaram e também o que elas vão alcançar através da escola. Há o despertar de um sentimento para com a escola e para com o educador que dá outro sentido ao ensino e à educação. “Não tem menos importância dizer à criança o que só mais tarde ela compreenderá” (Steiner, 1992, p.46). Trata de a criança assimilar com amor e autoridade do professor tudo o que deve assimilar. É errôneo o princípio segundo o qual só se deve ensinar à criança o que ela já entende. Isso desvitaliza a educação. A educação se torna viva quando carrega durante algum tempo o conteúdo recebido para depois aflorar novamente. (Isso é importante para a educação principalmente neste segundo setênio). A criança passa a desenvolver um sentimento de veneração e respeito pela figura do educador que mostra o mundo dessa maneira para ela.

Dessa forma, é proveitoso para a educação, introduzir na aula tudo que possui a finalidade de acrescentar algo ao ensino. É nesse sentido que Steiner (1992) fala sobre um ensino que tenha sentido para a criança. Ele exemplifica que não há finalidade na atividade na qual a criança “constrói” com palitos o contorno de algo. Essa atividade, apesar de parecer

uma brincadeira, não tem significado, uma vez que mais tarde, na vida, a pessoa só poderá considerar o resultado disso como uma brincadeira. O autor afirma que é tarefa da educação introduzir o que é pleno de vida.

Convém fazer com que a criança olhe para si mesma e perceba que ela possui duas mãos (uma direita e uma esquerda) que podem trabalhar e fazer todo tipo de coisas. Através desse “despertar” das mãos de forma consciente, pode-se introduzir tarefas com habilidade manual. A partir desse ponto o professor começa, na lousa, a fazer retas e curvas, e faz com que os alunos repitam em seus cadernos. Através da repetição os alunos irão se aperfeiçoando.

A liberdade no ensino é fundamental. O professor tem que ter uma relação interior com aquilo que ele está ensinando para que seja significativo também para a criança. Quanto maior a liberdade a esse respeito, mais o educador poderá entregar-se ao ensino e dedicar-se.

Há uma transição que precisa ser feita da criança do primeiro setênio para o segundo setênio, como sendo da imitação para a autoridade e isso deve ser feito através de um sentimento de autoridade e não por adestramento.

Para a criança é preciso que o ensino seja permeado por: elemento rítmico, cadência, melodia, combinação de cores, repetição. Mesmo que as crianças não compreendam, por exemplo, frases que elas sempre repetem, estas não atuarão sobre seu intelecto, mas atuarão sobre a vontade da criança. Mais tarde a criança assimilará com maturidade necessária o que antes não era permitido. Esse é um dos motivos de se defender a idéia de que um mesmo professor acompanhe a mesma turma por vários anos.

O fato de o professor estar com seus alunos por vários anos, também o permite (dentre outras coisas) penetrar no ritmo de vida deles. A vida possui um ritmo. O organismo externo e todo ser humano está predisposto ao ritmo. É preciso atentar à repetição rítmica. É preciso refletir sobre como, a cada ano, se pode retornar a determinados temas educativos. Se os professores ensinam adição no primeiro ano escolar, no segundo ano voltarão à adição ensinando algo a mais, e assim por diante.

Por volta dos sete anos de idade, inicia a época em que se pode exercer sobre a criança, uma influência pedagógica externa. O que atua, então, são imagens, exemplos e uma orientação disciplinada da fantasia. No segundo setênio, os princípios-mestres são a autoridade e a aspiração de ideais. Veneração e respeito são forças que fazem crescer o corpo etérico de maneira sadia. É de extrema importância que os mistérios da vida sejam apresentados sob forma de parábolas antes que ele os enfrente nas leis da natureza. Um exemplo é usar a imagem da borboleta que sai da crisálida para explicar a imortalidade a um

jovem. Para que um educador utilize-se desse tipo de imagem, ele deve estar convicto no que diz para que o ouvinte também acredite.

É uma maneira de abordar os enigmas da vida primeiramente com o sentimento. A vida sentimental desenvolve-se por meio de metáforas e símbolos, em particular por meio de imagens de homens característicos, tiradas da História ou de outras fontes. Importante é cultivar o belo e a sensibilidade artística.

Através do conhecimento do educador e de sua consciência da maneira que as medidas pedagógicas atuam sobre o jovem é que o educador encontrará o caminho correto a seguir em cada caso individual com bastante cautela.

É preciso que o educador se torne uno ao que ensina à criança pois sua atuação atinge como um todo. A compreensão é de alma para alma. Isso é válido para qualquer alma do educando. Cada som da palavra e de suas partes atua de alguma forma sobre o sentimento humano, embora freqüentemente de modo bem sutil permanecendo meio inconsciente.

É importante que o educador leve em conta que o homem possui uma relação com tudo que o rodeia (cosmo) por isso tal ênfase à percepção do sentir humano e uma educação que não o perca de vista. Não basta, além de ser precária, uma educação que visa apenas o intelecto.

No que se refere à escola Waldorf (segundo e terceiro setênio), não é possível fazer uma análise completa do currículo uma vez que a escola e o professor possuem liberdade ampla para decidir o que é atual no mundo e para a comunidade que freqüenta sua escola, o que faz sentido para ele próprio e para seus alunos, sem deixar de lado os princípios norteadores da Pedagogia. Além disso, o mundo está em constante transformação não sendo possível fixar para sempre o conteúdo de cada matéria. A escola Waldorf possui, além do quadro comum a todas as escolas de acordo com a regulamentação, diversas outras atividades e conteúdos. Dessa forma, todo o ensino visa a formação global do ser humano. Abaixo seguem algumas considerações gerais sobre o currículo da escola, inúmeras sugestões práticas podem ser encontradas em literatura especializada:

1) A linguagem: fala, escrita e leitura:

Está incluído tudo que se refere à fala humana. Para a pedagogia Waldorf, “falar não é apenas transmitir informações. A fala é a revelação, por meio de sons, do âmago espiritual do homem. A comunicação de informações é apenas uma das suas funções” (Lanz, 1979, p. 111).

Com o início do ensino de gramática, a criança aprende por que se fala de determinada forma e a necessidade de fazê-lo. A língua é cultivada por meio de poesias, contos de fada, narrações.

As regras gramaticais devem ser aprendidas através de inúmeros exemplos que as crianças devem ser incentivadas a buscar. Apenas as regras deveriam ser registradas num caderno. Isso repercute mais nas crianças do que livros com inúmeros exemplos dados onde as crianças não participam ativamente. No ensino de línguas é fundamental praticar a leitura com pronúncia correta, a narração do texto lido, formulação de idéias, e não apenas a assimilação de regras de pronúncia. É importante um trabalho com observação e aprender a ouvir e se expressar.

Ao entrar em ortografia, o professor pode trabalhar com alunos como escrever, por exemplo, uma carta. Ele deve mostrar como os adultos escrevem quando querem escrever tal tipo de carta. Não é indicado se falar em forma correta ou incorreta uma vez que se trata de uma adaptação da escrita da criança em desenvolvimento em relação aos adultos. Através da convicção de que é de tal maneira que os adultos costumam escrever, há uma edificação sobre autoridade. É diferente de provocar a crença do que está certo ou errado.

Steiner (1992) chama a atenção para o que se vai trabalhando com a criança em paralelo com o aprendizado da escrita (e outros) como a noção de higiene, alimentação, saúde. Por exemplo, ao falar sobre a palavra BANHO o educador deve fazer com que a criança lembre de limpeza, lavagem. Sempre é importante ter em segundo plano algo proveitoso para a educação.

A escrita e a leitura são consideradas grandes realizações da humanidade. A escrita é uma convenção, portanto algo artificial. Por isso, o primeiro encontro da criança com as letras é algo bastante delicado e valorizado.

A humanidade passou por diversos processos antes de chegar à escrita atual e isso levou milênios. No início havia simples anotação figurativa, em seguida esta passou a ser silábica, até chegar a ser fonética (extrema abstração). Os hieróglifos egípcios ilustram essa evolução.

Quando se introduz a consoante às crianças, o professor começa contando um conto, tendo por figura central um personagem ou outro elemento cuja primeira letra seja a consoante em questão. O professor desenha a lousa a história dando à figura um lugar de destaque e uma forma que lembre a consoante. Por exemplo: uma linha ondulada horizontal para o mar, ou o perfil de um rei para a letra R (letras maiúsculas de forma arredondada). Nos

dias seguintes a história e o desenho voltam à tona e as linhas das letras vão se definindo cada vez mais até que sejam reconhecidas pelas crianças.

Algo semelhante ocorre com as vogais. Os alunos aprendem na euritmia os gestos relacionados com os sentimentos ('Ah' expressa, por exemplo, o sentimento de admiração, e na euritmia, um gesto de abertura de braços lhe corresponde) *Veja figura 3 no apêndice*. Desta vez não se imita um objeto do mundo exterior, mas a própria figura humana transfigurada na imagem de um 'anjo do A' e conduz-se lentamente à forma da letra A maiúscula.

Nem todas as letras precisam ser introduzidas dessa maneira. Pode-se fazer esse processo com dez ou quinze letras.

A partir de então é permitido que se introduzam frases. Passa-se depois a desenhar na lousa cada letra em sua versão de fôrma mostrando à criança que os adultos têm diante de si após terem desenvolvido todo o processo acima citado com cada uma das letras. A letra ganha um significado maior para a criança. Em seguida percorre-se o caminho inverso: do todo para o detalhe. A partir da frase há uma desmembração se atentando agora para as partes.

Quanto à leitura, depois de um certo tempo o aluno sabe o que ele mesmo escreveu e em seguida passam a adivinhar palavras ou textos que o professor escreve na lousa.

Segundo Rudolf Lanz (1979), esse processo pode ser esquematizado da seguinte forma:

FALA

- 1) O elemento vocálico, como sentimento de si próprio.
- 2) O elemento consonântico, como consciência e imitação do mundo.
- 3) A gramática, como consciência de linguagem em sua estrutura.
- 4) A estilística, a métrica poética, como aquisição de instrumentos para bem se expressar.

ALFABETIZAÇÃO

- 1) Desenhar, escrever – treino da própria vontade (motricidade).
- 2) Vivência estética e leitura da própria escrita – sentimento.
- 3) Leitura de outras escritas – observação, intelecto.

Além das aulas de gramática, sintaxe e outros, o professor contará textos em aulas de linguagem apenas para os alunos ouvirem certos conteúdos. Steiner deu algumas indicações e o professor poderá encontrar caminhos diferentes também (Lanz, 1979):

1ª Série: Contos de fada.

2ª Série: Histórias de animais, fábulas e lendas.

3ª Série: Estórias tiradas do Velho Testamento.

4ª Série: Sagas e mitos da mitologia germânica.

5ª Série: Os mitos da Antigüidade Clássica, etc.

6ª Série: Os vários povos da terra.

7ª Série: Etnologia, civilizações estrangeiras.

8ª Série: Grandes épocas das civilizações: literatura, história, descobertas. O mundo moderno.

Quanto à poesia, Steiner ressalta que a explicação abstrata de poesias voltada para o aspecto gramatical, é a morte de tudo o que deveria atuar na criança. As poesias devem ser recitadas e do ensino restante deve afluir o necessário para a compreensão de uma poesia.

2) História:

“O verdadeiro ensino de história começa no quinto ano. Mas já nos primeiros anos, os alunos percorreram, pela vivência dos contos de fada, das lendas e dos mitos, a maneira de pensar e de sentir de épocas passadas” (Lanz, p. 116).

O professor procurará estabelecer relações entre as antigas culturas e os tempos modernos. Até o fim da oitava série, os alunos percorreram uma vez a história toda. A partir da 9ª série inicia o estudo das idéias, das relações e correntes históricas. No curso do segundo grau (atual ensino médio), retoma-se o estudo sistemático desde a antigüidade, mas desta vez haverá enfoque para os fatores sociológicos, geográficos, climatológicos e outros. As linhas da evolução histórica são postas em evidência. Noções de causalidade histórica e teorias da filosofia da história são expostas aos alunos para que saiam da escola capazes de situar cada época e o presente no contexto de sua evolução.

3) Geografia:

Esta é considerada em seu relacionamento com as diversas civilizações, com o habitat do homem (zoologia, botânica) e com as condições geológicas e climatológicas.

O ponto de partida é algo que a criança já conheça da superfície da Terra, bem como do que ocorre nessa superfície. De uma forma artística, mostrar-se às crianças uma imagem das condições montanhosas e fluviais.

A partir da quarta série começa o trabalho com pequenos mapas do ambiente imediato: em círculos concêntricos, esses conhecimentos são alargados para regiões mais afastadas, países inteiros e finalmente para a Terra toda. Já inicia um trabalho com as cores nos mapas: azul para os rios e marrom para as montanhas e assim por diante...

As condições de vida, os fatores econômicos, a própria história, a etnologia, as vias de comunicação, assim como fatores físicos, químicos e astronômicos entram no campo de estudos (Lanz, 1979).

A partir da nona série é dada ênfase às montanhas, suas formas e direções.

Nas últimas séries, a ênfase é dada à geografia física e econômica, a cartografia e as teorias sobre a formação da terra e as épocas geológicas. Também sobre as grandes migrações humanas.

Ao ensinar à criança a relação entre a agricultura e a vida humana, é uma oportunidade de dar-lhe uma noção do arado, da grade para lavoura, por exemplo. O professor pode fazer com que os alunos vivenciem esses objetos como brinquedo ou obra de arte. É dado maior importância na relação da criança com a vida do mundo do que a habilidade prática.

Essa relação com a vida, faz com que a pessoa tenha algo diferente na maturidade do que uma outra que não teve esse tipo de vivência. O autor coloca que é melhor fazer com que as crianças executem coisas que realmente ocorrem na vida do que inventar outras que não acontecem. Ele coloca que algumas pessoas podem se sentir pouco à vontade ao entrarem numa fábrica, pelo fato de sentirem emergir de seu subconsciente a sensação de utilizarem tudo que é produzido nessa fábrica sem possuir a mínima relação com o que ocorre dentro dela.

Com a expansão do materialismo no final do século XIX, este também penetrou na didática a ponto de se considerar a especialização algo muito importante.

Se o professor introduzir ao ensino da criança a relação com a realidade, principalmente no segundo setênio, isso será de grande importância. Ele exemplifica com o ensino de religião (caso a escola optar em tê-lo) nessa fase, pois, se apenas introduzir às crianças idealismos sentimentais, mais tarde esse idealismo lhe causará repugnância e ela se tornará uma pessoa materialista. Por outro lado, poderia se conseguir algum resultado se o professor de religião colhesse algo de outra matéria (como astronomia) uma vez que tais assuntos sejam passados por um professor de religião já tem uma enorme importância para a consciência das crianças em desenvolvimento. Steiner mostra que não se deve separar: agora é momento do ensino de História ou agora de Geografia e nada mais interessa. Enquanto um professor explica a seus alunos que a palavra “sofá” veio do Oriente na época das cruzadas,

ele insere no ensino no ensino de História algo sobre a fabricação de sofás. O ensino ganha outro valor. É possível se perceber a dedicação e o empenho do educador de forma diferenciada.

4) As línguas estrangeiras:

Pode iniciar no jardim de infância. Constitui como matéria de ensino a partir da primeira série.

“É por imitação que as línguas estrangeiras são introduzidas e ensinadas (...) Até a terceira série, o ensino se limita às canções, versos, ritmos, dramatizações e conversas entre professores e alunos sobre assuntos da sua redondeza imediata. Não são feitas traduções (...) elas exigem da criança um esforço intelectual muito grande” (Lanz, p. 117). O ouvido da criança é acostumado na língua estrangeira e ela aprende com imitação.

De acordo com a Proposta Educacional Waldorf (1998), também se constitui no instrumento de transmissão das respectivas culturas e atua complementarmente na formação do órgão fonador e desenvolvimento global da criança. Tenta-se despertar a compreensão e o interesse pelo diferente, além de afirmar a própria identidade lingüístico-cultural e colocar as bases para uma visão multicultural. Muitas escolas escolhem como segunda língua o alemão por ser uma língua consonantal, ao contrário do português que é vocálico. Atuando na formação do órgão fonador, torna-o flexível para facilitar a aprendizagem de novas línguas no futuro.

5) Matemática e geometria:

Os elementos da matemática não são necessariamente números e grandezas. Existem autênticos fenômenos matemáticos como o Teorema de Tales, de Pitágoras, ou algumas regras de divisibilidade. O quantitativo é um mundo estranho para a criança, é importante que ela o assimile pouco a pouco através do qualitativo. *Veja figuras 4, 12, 13, 14 no apêndice.*

“Todo o corpo deve entrar em atividade, e é através do corpo, dos seus movimentos e ritmos que os primeiros elementos de matemática devem ser assimilados” (Lanz, p. 118).

Também com a geometria, o professor deve partir da vivência das formas e fazer da geometria algo dinâmico, de forma artística e variada. “Devemos ensinar arte no desenho e assim por diante, devemos ensinar o anímico na aritmética e ensinar de modo artístico e convencional na leitura e na escrita; devemos permear todo o ensino de um elemento artístico” (Steiner, 1992, p. 13).

Ligado à questão da observação está o ensino visual. A geometria é um exemplo para ligar o ensino visual à sua didática. Steiner exemplifica com o Teorema de Pitágoras que deve ser entendido pelos alunos concretamente e isso se dá através da representação em um desenho, por exemplo. Ao invés de ser apenas um conceito, uma fórmula memorizada.

6) As matérias científicas (Ciências):

Estas são, no primeiro grau, zoologia, botânica, mineralogia, química, física, astronomia. Essa objetivação do mundo conforme reinos e áreas ocorre depois dos nove anos de idade.

A zoologia, ensinada a partir da quarta série, chama sua atenção para seres que têm instintos, mas que não possuem 'espírito'.

A botânica, ensinada a partir da quinta série, trata de organismos que ainda não têm instintos, possuem apenas vida; a mineralogia, a partir da sexta série, limita-se a objetos mortos.

Pode-se perceber que o campo de visão da criança vai abarcando áreas cada vez mais mortas e o maior afastamento está no momento em que se ensina física. A física é ensinada a partir da sexta série, e seus fenômenos são primeiramente estudados com referência ao observador humano (primeiramente se observa para depois abstrair).

Com a química, sétima série, atinge-se algo como que um submundo onde se fala apenas em substâncias, não mais em objetos. É importante que num dia mostrem-se os fenômenos e no dia seguinte aconteça a explicação.

“Quando, por exemplo, na História Natural ministramos à criança o que consta na História Natural de hoje sobre os animais, só lhe definimos de fato o animal. Devemos tentar, em todos os aspectos do ensino, caracterizar o animal de lados diferentes – por exemplo, como os homens chegaram paulatinamente a conhecer esse animal, a servir-se de seu trabalho, etc. Mas já um ensino racionalmente estruturado atua caracterizando quando não apenas – chegada a etapa oportuna do ensino – descrevemos o polvo à maneira científico-natural, depois à sua vez o rato e depois, também à sua vez, o homem, mas quando situamos lado a lado o polvo, o rato e o homem, relacionando-os mutuamente. Então essas relações são tão diversificadas que não resulta uma definição, mas uma caracterização. Um ensino correto não trabalha, pois, sobre a definição, mas sobre a caracterização” (Steiner, 1988, p. 110).

Ao lidar com o método, o educador deve estar consciente que está tratando o ser humano superior (anímico-espiritual) e o ser humano inferior (físico-corpóreo).

Quando se levam as crianças à Natureza, o professor deve dirigir-se a ela de modo diferente daquele a que se dirige dentro da sala de aula. É importante que o professor deixe claro que irão vivenciar a beleza da Natureza e trazer para a escola produtos dessa natureza para poder explicá-la dentro da sala. Há uma diferença entre dissecar a natureza morta dentro da sala de aula para estudo e observá-la lá fora em sua beleza.

Os professores precisam saber que no ser humano existe uma síntese (resumo) de todos os reinos da natureza, reunidos num grau superior no homem. Não é preciso dizer isso às crianças mas pelo andamento do ensino deverá proporcioná-las o sentimento de que o ser humano é síntese de todos os reinos naturais. É benéfico que se provoque a importância do homem dentro de toda a ordem do mundo.

Steiner (1992) sugere começar pela descrição exterior da figura humana. Chamar a atenção para a composição principal do corpo em cabeça, tronco e membros, levando em consideração a forma externa. Pode-se dizer que na cabeça há olhos, os ouvidos, nariz, boca. A maior parte do que ficamos sabendo do mundo é através da cabeça. Quanto ao tronco pode-se atentar aos órgãos respiratórios, abdômen que aí estão. Quanto aos membros é importante salientar que servem para andar (pernas e pés) e as mãos e braços que servem para livre movimentação e para o trabalho. Enquanto os pés e pernas carregam o próprio corpo, as mãos podem trabalhar livremente para o mundo. A partir desse ponto pode iniciar o estudo do Reino Animal.

É importante que o educador não se afaste da vida com o ensino. Isso vai fazer diferença no ensino de física também. Por exemplo, faz a diferença fazer com que as crianças percebam como ao se acionar a calefação de um local, o nível dos rodapés ainda permanece frio enquanto o nível do teto já aqueceu. Partindo desse fato da vida, o professor explicaria que o aquecedor esquentava primeiro o ar à sua volta (de início não é a parte superior da sala que fica quente), o ar quente tende sempre a subir e o ar frio tem que descer. O processo explicado deve ser que o ar se aquece primeiro embaixo e em torno do aquecedor; esse ar quente sobe, de modo que o ar frio tem que descer, e por isso ainda se tem na sala o ar frio ao nível dos pés enquanto em cima o ar já está quente há muito tempo. Depois de se falar de um fato da vida, pode-se passar ao fato que o ar quente se dilata e o ar frio se contrai (aqui já está se afastando da vida).

7) Artes, trabalho artesanal e profissionalizante. Atividades corporais.

As atividades artísticas trabalham com o sentimento e com a ação do aluno. Este tem que fazer com as mãos ou outras partes do corpo, criar algo com sua fantasia usando a

vontade, coordenação psicomotora, senso estético, etc. Por isso o alto valor pedagógico e terapêutico dessas matérias quando exercitadas com regularidade. As atividades artísticas são:

- Modelagem com cera, argila.
- Desenho com giz de cera, carvão, giz de lousa, etc. *Veja figuras 7, 8, 10, 11, 17, 23, 24, 33 (este trabalho é do terceiro setênio) no apêndice.*
- Pintura com aquarelas, pastéis.
- Escultura em madeira e pedra.
- Execução de instrumentos, orquestra, coro. *Veja figura 26 no apêndice.*
- Eúritmia (arte do movimento).

As atividades artesanais têm finalidade de colocar o aluno em contato com a matéria através do tear, dos trabalhos gráficos ou de ourivesaria dentre outros. O aluno transforma a matéria e produz algo que dura. Uma das conseqüências desse ensino é a compreensão do trabalho alheio e o respeito ao trabalho manual, além de um gosto por aquilo que é bom e belo. *Veja figuras 5, 15 no apêndice.*

Na Proposta Educacional Waldorf (1998) há considerações sobre os Trabalhos Manuais e a atuação dessas atividades sobre o ser humano, defendidas por um professor e médico neurologista suíço chamado Matti Bergstrom (1990):

“O cérebro descobre o que os dedos exploram. A densidade de terminais nervosos na ponta dos dedos é enorme. A capacidade de discriminação deles é igual à dos nossos olhos. Se não usarmos os nossos dedos na infância e na juventude nos tornamos ‘cegos dos dedos’, essa rica teia nervosa fica empobrecida, o que representa uma enorme perda para o cérebro e lesa o desenvolvimento do indivíduo como um todo. Essa perda pode não ser como a cegueira em si, pois talvez seja pior, porque enquanto o cego pode simplesmente ser incapaz de achar este ou aquele objeto, o ‘cego dos dedos’ não consegue compreender o seu significado intrínseco e seu valor”.

Steiner ressalta a importância de introduzir a criança no mundo das cores. Ele baseia-se em Goethe que sempre permeou cada cor com uma nuance de sentimento. Ele se refere não apenas ao que se revela ao olho mas também o que a alma sente em relação a tal cor. Nesta atividade artística a imagem das coisas na Natureza, por exemplo, vai se formando através as diferenças das cores e tonalidades. A forma de uma árvore, por exemplo, não é primeiramente

colocada e sim esta vai se formando através do jogo de cores. Isso vivifica a alma e conduz a uma correta relação com o mundo exterior. “(...) a criança vive com as cores. Para a criança, aos poucos o azul se torna algo que se afasta, que vai para longe; o amarelo e o vermelho, algo que vem ao encontro – nós mesmos temos de ter a percepção de que isso é um fato” (Steiner 2000, p. 106).

É importante deixar que a criança siga livremente para a cor conseguir vida e continuar seja para onde for. Forma-se dessa forma a perspectiva das cores que é algo muito significativo para a alma da criança. Na realidade, a perspectiva de cores também vai influenciar posteriormente no aprendizado da leitura.

Quanto à música, as crianças devem estar presentes em todas as atividades musicais. Todas deveriam desenvolver sensibilidade com amorosa assistência. Steiner afirma: “(...) a criança em crescimento deveria ser educada para sentir alegria e anseio diante da música e da poesia” (Steiner, 1992, p. 40).

Na música é dada ênfase tanto ao canto como à música instrumental. Todos os alunos aprendem a tocar flauta doce desde o primeiro ano. A escola possui corais, orquestras nos quais os alunos participam de acordo com suas capacidades.

A euritmia é uma “arte do movimento através da qual se tornam visíveis, por meio de movimentos do corpo, os conteúdos espirituais inerentes à palavra e à música” (Lanz, p. 122). São movimentos não arbitrários nem subjetivos que acompanham a recitação de uma obra poética ou musical. Existe a euritmia como matéria pedagógica, recurso terapêutico ou como simples atividade artística.

A Ciência Espiritual (antroposofia) contribui com base apropriada não somente para o lado espiritual da educação, mas também para o físico (como as ginásticas e os jogos juvenis). Da mesma maneira que o amor e a alegria devem permear o ambiente dos primeiros sete anos de vida, o corpo etérico (em pleno desenvolvimento no segundo setênio) deve vivenciar nessa fase a si próprio através dos exercícios físicos. Acarretam sensação de prazer sadio e bem-estar.

A educação física procura evitar um treino físico que se torne um fim em si. A pedagogia Waldorf considera que nos recintos e atividades da escola, seja dada preferência ao que se faz com as mãos: handebol, voleibol, e não as atividades com o uso dos pés que são mais brutas. No Brasil, atualmente, esta postura está sendo questionada pelos próprios grupos de escolas Waldorf, uma vez que o futebol e a capoeira fazem parte da cultura do país.

8) Jardinagem:

Desenvolve o interesse pela natureza e a vivência de atividades humanas elementares como adubar, semear, colher... e comer o fruto do trabalho.

9) Desenho de formas:

Este é iniciado na primeira série e continua nas classes superiores.

“(...) Numa atividade tal como no desenho de formas, o professor pode atuar quase que diretamente sobre o corpo etérico; dosando formas redondas e angulares, ele pode atuar higienicamente, para não dizer terapêuticamente, sobre os corpos etéricos de um aluno ou de um grupo, de acordo com as necessidades temperamentais, ou outras, de cada um” (Lanz, p. 124).

10) Religião:

As escolas Waldorf não são escolas religiosas ou confessionais e não têm por finalidade ensinar a antroposofia. Se for escolha dos pais, podem organizar um ensino religioso dentro do horário de aula, pelos representantes das próprias igrejas e comunidades religiosas uma vez que todas as religiões, através de seu conteúdo mítico e moral, (...) provocam na criança atitudes e atividades anímicas extremamente positivas” (Lanz, p. 126). Se os pais não desejam um ensino religioso específico de acordo com um credo definido, a escola pode oferecer um ensino religioso cristão livre baseado nos conteúdos gerais do Velho e Novo Testamento. Procura-se trabalhar com a criança um sentimento de “respeito por tudo que está acima, ao lado e abaixo do homem” (Lanz, p. 126).

Não tenho por objetivo entrar em detalhes sobre o currículo escolar e sobre cada área desenvolvida na proposta curricular do ensino fundamental e médio uma vez que o enfoque deste trabalho é sobre a educação infantil, porém, segue adiante um quadro que ilustra essas áreas de uma forma generalizada (de acordo com a Proposta Educacional Waldorf de 1998 – Nesta proposta é possível encontrar o currículo para cada série de forma explicativa). A coluna da esquerda mostra os tópicos que são trabalhados e a coluna da direita mostra algumas especificações de cada item.

Línguas	Língua portuguesa
	Duas línguas estrangeiras modernas
Matemática	Matemática
	Geometria
	Desenho de formas
Ciências sociais	História
	Geografia
	História da Arte
Filosofia	
Religião	
Ciências naturais	A natureza que circunda a criança
	Ciências da natureza
	Biologia
	Física
	Química
Artes	Artes plásticas
	Modelagem
	Desenho
	Pintura
	Entalhe/escultura
	Artes cênicas
	Artes gráficas
	Artes musicais
	Música
Prática coral	
Prática orquestral	
Trabalhos manuais	Crochê, Tricô, macramê, Bordado
Tecnologia ampliada	Artes aplicadas
	Carpintaria /marcenaria
	Mecânica
	Trabalhos em metal
	Restauração
	Cestaria
	Culinária
	Encadernação
	Tecelagem
	Costura à máquina
Batik	
Informática	
Jardinagem	Cultivo de flores
	Horticultura
	Fruticultura
	Paisagismo
Atividades práticas	Astronomia de campo
	Agrimensura
	Estágio agrícola
	Primeiros socorros
	Prática florestal
	Atividade social comunitária
	Prática de indústria
	Trabalho de conclusão de nível
Educação física	Ginástica
	Esportes
Euritmia	Atividade corporal
	Vivência de constantes: temporais e espaciais
Conteúdos de implementação transversal	Ética e cidadania
	Ecologia
	Educação sexual
	Drogas / violência
	Racismo
	Diversidade cultural (questão indígena, etc)

Uma escola Waldorf abrange doze séries divididas em dois ciclos, de oito e quatro séries, respectivamente.

A escola deve estar a serviço da criança, e por isso, o sistema educacional deve ser moldado de tal forma que qualquer ser humano, até a idade de dezoito anos, tenha a possibilidade de aprender e receber uma formação que visa ao pleno desenvolvimento de sua personalidade, além do preparo profissional.

Quanto à questão da importância da relação do ensino com a vida e sobre o diálogo que deve existir entre as disciplinas específicas é atual nas Universidades. Freitas (1991) defende a necessidade de apontar para outras formas de organização do trabalho escolar, sem esperar pelas mudanças das relações na sociedade para depois pensar em novas direções. O autor, em seu texto sobre a organização do trabalho pedagógico, mostra como os antagonismos da sociedade interferem e orientam a produção do conhecimento na atualidade.

“Separa-se o sujeito que conhece do objeto a conhecer. Não é sem razão, portanto, que em nossa sociedade a teoria esteja freqüentemente separada da prática. Não é sem razão, também, que se conceba que primeiro devemos dominar a teoria, para depois, aplicá-la em uma dada realidade. Se a escola pode, dentro de certos limites, reformular o impacto da divisão do trabalho manual e intelectual em seu interior, por outro lado, incorporou a divisão entre teoria e prática de forma bastante marcante na sua organização curricular. A própria história da escola indica que ela cresceu separada do mundo do trabalho, ou seja da prática” (Freitas, 1991, p. 11).

Tal discussão mostra como a sociedade influencia na escola e como é influenciada por ela. Freitas defende que atualmente há uma tendência muito grande à fragmentação do ensino dos conteúdos escolares em metodologias específicas. Ele questiona se não seria possível a produção de uma metodologia que possa operar integralmente na escola apesar dessa especificidade, ressalta que seria produtivo pensar na escola como um todo. A integração não deve ser entendida “como uma justaposição destes vários métodos específicos. A metodologia integrada deve nascer interdisciplinar, a partir da contribuição dos pesquisadores especializados nos vários conteúdos escolares” (Freitas, 1991, p. 14).

A pedagogia Waldorf evita, nas aulas, qualquer livro didático. Isso não quer dizer que os alunos das classes superiores não possam ou devam consultar livros especiais. “Mas o próprio ensino se baseia sempre na palavra viva do professor”. (Lanz, p. 108) Isso mostra a

importância da amplitude do professor. Os alunos transcrevem a matéria exposta pelo professor, em seguida, para o caderno de época que contém redação própria dos alunos. O que é transcrito é a essência da matéria dada e de forma ilustrada.

Rudolf Steiner (2000) lembra o fato de que os alunos Waldorf, ao completarem os anos escolares e deixarem a escola, irão para outro estabelecimento de ensino, por isso os professores devem alcançar todas as metas pedagógicas que lhe serão exigidas lá fora.

O ensino deve acontecer economicamente. Isso ocorre ao excluir tudo o que constitui um fardo para jovens (principalmente de 13 a 15 anos de idade) em seu desenvolvimento anímico não podendo trazer frutos para a vida.

Rudolf Lanz (1979) ressalta que já que a finalidade é formar os alunos fazendo com que sintam o essencial de uma disciplina, o professor pode renunciar a todos os detalhes sem nexos, que serão logo esquecidos, e só oneram a memória. Em cada matéria existem fatos, conhecimentos, leis e relações essenciais e é isto que o aluno deve conhecer. Melhor do que conhecer uma fórmula é saber deduzi-la. Pensar “matematicamente” ou “historicamente” vale mais do que o acúmulo de fórmulas, nomes ou datas. O autor exemplifica também com o ensino de línguas no qual, muitas vezes, se perde muito tempo com traduções enquanto se poderia dar maior atenção a aprender a ouvir e entender significados de textos, por exemplo. Dessa maneira chega-se, de uma forma mais natural, ao ensino do aspecto gramatical.

Através do ensino em épocas, é possível que o professor assimile e harmonize a riqueza de cada matéria. Ele pode planejar melhor seu ensino e enriquecê-lo com algumas informações tiradas de outras matérias. Dessa maneira o professor não se transforma na figura de um especialista que tudo sabe sobre sua matéria e pouco sabe das outras. Ao invés de ter uma determinada matéria distribuída sobre o ano letivo, esta é lecionada de forma concentrada durante uma época: duas horas por dia são dedicadas durante algumas semanas a essa matéria. O restante das aulas são matérias artísticas, artesanais, educação física, música, línguas estrangeiras, etc. Terminada a época a matéria em questão é substituída por outra. Para as matérias que necessitam de exercitação (a matemática, por exemplo), existem aulas semanais de treino além das épocas em que a matéria nova é ensinada. Também as atividades artísticas e artesanais exigem repetição para se transformarem em capacidades práticas. As duas horas da aula principal não serão uma exposição ininterrupta. O professor divide o tempo de maneira a atingir não apenas o intelecto, mas também o sentir e o querer de seus alunos.

Geralmente a aula inicia com uma atividade corporal, as crianças fazem exercícios rítmicos que permitem que a turma entre em sintonia. Por exemplo, se é época de matemática, esse momento pode ser vivenciado com tabuadas que podem ser puladas (pode-se usar

cordas), andar nas métricas das poesias, bater palmas, brincadeiras com bolas nos múltiplos, e outros exercícios relacionados com o tema. Esse momento ocorre, na maioria das vezes, em roda com as crianças em pé. O momento seguinte é o da retrospectiva da aula do dia anterior. Já sentadas, as crianças recordam a matéria. O professor deve incentivar todos, inclusive os mais tímidos, e cada um fala apenas um elemento que foi discutido na aula anterior para permitir que todos falem também. É um momento de ouvir o outro e prestar atenção para não repetir algo que já foi lembrado. Isso mostra o aspecto da avaliação como processo que ocorre diariamente. Após a retrospectiva inicia a matéria nova. O professor deve passar o conteúdo de forma que atinja seus alunos a partir da emoção, do sentimento. Para algumas matérias isso é mais fácil e em outras mais difícil, porém a fantasia e criatividade do professor podem fazer com que fique um momento interessante. *(Veja figuras 1, 2, 9 no apêndice)* Em seguida há um momento do fazer individual, ou seja, cada criança passará para o caderno de épocas o conteúdo que foi aprendido. Esse registro não é apenas escrito podendo ser também desenhado (mesmo porque não foi trabalhado apenas o intelecto, o pensar), isso varia de cada momento e de cada assunto abordado. Geralmente é assim o ritmo da aula principal de cada dia, em seguida dessas atividades são trabalhadas outros pontos do currículo.

Algo que permeia o trabalho do professor Waldorf é o trabalho com os alunos de acordo com seus temperamentos. A antroposofia fala em quatro temperamentos: sangüíneo, melancólico, fleumático e colérico. Em geral coexistem na mesma personalidade traços de dois ou mais temperamentos. O professor, provavelmente, terá em sua classe crianças dos quatro temperamentos. Através de seu trabalho deverá atingir todos de maneira igual. Steiner recomendava agrupar os alunos em sala de aula conforme seus temperamentos sentando-os juntos, dessa maneira os sangüíneos, por exemplo, ficariam mais calmos cansando-se mutuamente com sua turbulência e assim por diante. *Ver apêndice página 82.*

Quanto à avaliação, esta caracterizará o aluno como um todo suas várias facetas em vez de apenas medir o seu rendimento. “Se julgar os resultados, fá-lo-á comparando-o não com modelos abstratos, mas com a potencialidade do aluno” (Lanz, p. 95). As escolas Waldorf (segundo e terceiro setênios) não se utilizam provas, exames ou testes para servir para fins estatísticos. Os fatores, que permitem avaliar a personalidade do aluno, descritos por Rudolf Lanz seriam: o trabalho escrito, a aplicação, a forma, a fantasia, a riqueza de pensamentos, a estrutura lógica, o estilo, a ortografia, e os conhecimentos reais. Também será levado em conta o esforço real que fez (ou não fez) para alcançar tal resultado, seu comportamento e seu espírito social. Todo esse processo é feito de forma qualitativa procurando estimular e realçar o que há de positivo, criticando o negativo só em relação ao

que o aluno seria capaz de produzir. Nos boletins anuais, o professor de classe faz um relato extenso sobre a biografia escolar do aluno durante o ano, havendo, em seguida, breves caracterizações do resultado, do comportamento e do esforço, por todos os professores que deram aulas na classe em questão. O boletim é dirigido aos pais, e estes têm, através dele, uma imagem fiel de seu filho.

Quando é exigido pelas autoridades de ensino, a escola tem que fazer uma avaliação quantificada que é mantida em sigilo e será somente entregue ao aluno ou a seus pais no momento em que sair da escola.

A repetência é evitada devido as suas conseqüências desastrosas. Há exceção dos casos onde há consenso entre todos os professores que lidam com o aluno, o médico escolar e os pais, que o aluno está retardado em seu desenvolvimento (intelectual psíquico e físico), mas sem constituir um caso patológico grave. Nesses casos decide-se rebaixar um aluno de uma classe. São inúmeros os casos de alunos que “despertaram” em determinadas disciplinas ou atividades mais tarde do que os seus colegas, recuperando facilmente o que lhes faltava, numa época posterior. Não havendo reprova, esses alunos não são estigmatizados e nem excluídos do ensino que corresponde à sua idade.

“A cuidadosa seleção e progressão dos conteúdos ao longo do processo escolar completo e a substituição das definições por caracterizações têm por objetivo fazer os alunos vivenciarem que cada conteúdo pode ser aprofundado, ampliado e compreendido a partir de outro enfoque” (Proposta Educacional Waldorf, 1998, p. 31). Isto mantém vivo o interesse ao ensino unido com o gosto por aprender e se superar. Além disso, promove a reflexão sobre as possibilidades do ser humano de aprender e de aperfeiçoar-se durante toda sua vida. É uma maneira de conduzir seus alunos da educação para a auto-educação.

A auto-educação é algo que os docentes da escola Waldorf tentam cumprir em seu agir, realizando um trabalho orientado para si mesmos através da auto-reflexão cotidiana sobre o realizado e a troca com os outros docentes. Através do planejamento, o professor reflete sobre seus atos e avalia seu fazer, seu trabalho com os alunos e o retorno desses, enfocando dessa forma sua tarefa futura.

É importante também o engajamento dos pais na escola e isso implica em críticas e sugestões.

De acordo com a Proposta Educacional Waldorf (1998), a estrutura organizacional das escolas Waldorf busca colocar em prática os princípios da Trimembração Social propostos por Rudolf Steiner: o princípio da LIBERDADE, no âmbito da atividade cultural, o de IGUALDADE, no âmbito do jurídico-administrativo, e o de FRATERNIDADE, no que diz

respeito ao econômico. A esfera pedagógica diz respeito à questão cultural; a esfera jurídico-administrativa regulamenta a vida institucional; e a esfera sócio-comunitária se ocupa das necessidades que surgem das inter-relações humanas.

O trabalho nas três esferas (pedagógica, jurídico-administrativa e sócio-econômica) baseia-se no princípio da autogestão, onde cada integrante possui direitos iguais, obrigações, participação, sem distinção de hierarquia e privilégios. *Ver apêndice página 79.*

A escola trabalha com excursões, apresentação de música, eurtmia, coro falado, teatro, viagens. No fim de determinadas séries é tradição a apresentação de uma peça de teatro clássica ou moderna pelos alunos de uma classe.

2.6.3 Primeiro setênio (de zero a sete anos de idade): Nesta fase, a criança traz em si um caráter bem definido de querer ser um ente imitativo. Ela imita tudo que vê ao redor. É preciso levar em consideração a hipótese inconsciente com que a criança nasce: o mundo é moral. Por isso a imitação. “O mundo é bom. Eis o julgamento que toda criança em idade pré-escolar deveria gritar, alegre e jubilante” (Lanz, 1979, p. 40).

“A permeabilidade da criança ao que se acha ao redor dela é um fato que todo educador deveria conhecer e levar em conta. A criança absorve inconscientemente não só o que existe sob aspecto físico ao seu redor; o clima emotivo que a circunda, o caráter e os sentimentos das pessoas que a rodeiam, tudo isso penetra na criança e é absorvido (...)” (Lanz, p. 38). O que a criança deveria ter em primeiro lugar é um ambiente cheio de carinho e de amor.

Toda a vida do homem é inter-relacionada. Aquilo que fazemos com a criança, fazemos para toda a vida. “(...) Quem, quando jovem, não aprendeu a juntar as mãos para orar, quando ficar mais velho não saberá estendê-las para abençoar” (Steiner, 2000, p.31).

No primeiro setênio a criança passa sem notar por tudo que lhe apele à razão. Ela só presta atenção quando as pessoas que estão ao seu redor, por meio de gestos, atitudes e comportamentos, tornam possível à criança imitar a devoção religiosa. Isso será trabalhado do segundo setênio em diante. É como algo que fica adormecido para a criança e venha aflorar futuramente de forma diferente.

Os primeiros sete anos da criança (principalmente os três primeiros) são de suma importância para o desenvolvimento integral do homem, pois a condição humana da criança é totalmente diversa de uma condição posterior. Nessa fase, a criança é toda um organismo sensorial. O homem, em sua vida posterior, experimenta o sabor de determinado alimento, por

exemplo, com a boca, com o palato, com a língua. Na criança isso não ocorre, principalmente nos três primeiros anos, quando o sabor atua através de todo o organismo.

Até por volta do terceiro ano de vida, o corpo etérico está inteiramente ligado ao corpo físico. Nesse momento, uma parte do corpo etérico, que corresponde à cabeça, começa a se libertar tornando-se disponível para a memória e para uma certa inteligência. A criança passa a empregar a primeira pessoa para falar de si própria, é a primeira auto-afirmação do eu (Hoje em dia isso ocorre muitas vezes por volta do segundo ano de vida).

São adquiridas pelas crianças, nos primeiros anos, três atividades: andar, falar e pensar.

O andar: aprender a andar implica colocar-se em posição de equilíbrio diante do mundo espacial. “Enquanto crianças procuramos a postura ereta, procuramos colocar as pernas em tal relação com a força da gravidade que com isto podemos obter o equilíbrio. Tentamos o mesmo com os braços e as mãos. Todo organismo se orienta. Aprender a andar significa encontrar as direções espaciais do mundo e nelas engajar o próprio organismo” (Steiner, 1983, pp. 9-10).

No momento em que, como educadores, introduzimos coação no que a natureza humana quer, prejudicamos a organização humana para toda a vida terrena, por isso a antroposofia defende a importância de cada coisa acontecer no seu momento.

“Por mais paradoxal que possa parecer à mentalidade materialista, a criança sente o que pensamos à sua volta. E é importante não somente que, como pais ou educadores, evitemos atitudes impróprias visíveis, mas que sejamos interiormente verdadeiros e permeados de moral em nossos pensamentos e sentimentos – que a criança sente e capta” (Steiner, 1983, pp.10-11). A criança estrutura seu ser também de acordo com nossa atitude moral, nosso desempenho mental afetivo além de nossas palavras e ações. E de extrema importância o ambiente à sua volta.

Toda educação para a criança é educação física (ou do físico). Através de uma boa educação de seu corpo físico, serão produzidas na criança, forças sadias para um metabolismo sadio mais tarde. Nesta educação do físico também entra a questão da importância de uma alimentação saudável para um bom desenvolvimento da criança.

O falar desenvolve-se a partir da orientação no espaço. A fisiologia já estuda as relações entre o movimento da mão direita que influencia parte do lado esquerdo do cérebro que provoca o movimento da fala. A fala é oriunda de todo organismo motos do homem, na verdade. Assim, o falar é um resultado do orientar-se no espaço (andar). “o aprender a falar deve-se desenvolver de maneira ordenada, com base no aprender a andar, a movimentar os

braços; caso contrário, a fala da criança não será uma atividade fundamentada no homem todo, mas sim uma atividade balbuciante” (Steiner, 2000, p. 39).

A criança quer ouvir a linguagem do adulto. Por isso não se deve reduzir a fala ao nível infantil. Isso tem relação com o desenvolvimento dos órgãos de digestão.

Como o falar surge do andar, o pensar surge da fala. Através da fala devemos passar veracidade para que se faça predominar a clareza do pensar do adulto. Confusão no pensar é a raiz do nervosismo.

Para a organização física na infância é preciso amor no aprendizado do andar, veracidade no aprendizado da fala, clareza e determinação durante o aprendizado do pensar.

Steiner lembra que nesta época tão orientada para o físico, sensorial e pouco orientada para o espiritual e anímico, introduziu-se na educação infantil um flagelo. Um exemplo é a “linda” boneca com a qual as crianças são presenteadas. Ela possui cabelos legítimos, olhos móveis. Tais brinquedos são totalmente antiartísticos. O autor defende que tais brinquedos são como uma tortura para a criança. Esta, durante o primeiro setênio, não sabe nada a mais acerca do homem, a não ser que estar em pé, que possui uma parte em cima (cabeça com um par de olhos) e outra embaixo. Mesmo a boca, as crianças desenham muitas vezes na testa, não tem um lugar claro ainda. Uma boneca de pano que possua apenas essas duas partes vai agir internamente na criança na formação de seu organismo. Uma boneca mais elaborada impede que a criança desenvolva a atividade de sua alma pois para poder captar como visão algo bem formado, ela não pode deixar que a fantasia desperte. Dessa forma a criança acaba sendo afastada da vida pois a atividade própria da criança é refreada.

É preciso ter claro que a criança é um ser imitativo, mas só pode exercer a imitação quem ainda não está intelectualizado. Por isso não são introduzidos no jardim de infância (até seis anos de idade) trabalhos infantis mentalmente elaborados como combinar palitos, trançar papel e também alfabetizar. O que é importante que se tenha no jardim de infância é uma imagem do que os adultos fazem. A criança imita com alegria o trabalho que os adultos fazem.

“Não podemos recair no erro de criar uma educação estetizante, dizendo que a criança deve ‘aprender brincando’. Essa é uma das piores maneiras de falar no assunto, pois uma pessoa educada desse modo se tornaria alguém que levaria a vida na brincadeira. (...) Para a criança saudável, brincar não é absolutamente brincadeira, mas sim algo muito sério. Na infância o brincar jorra da organização humana com verdadeira seriedade” (Steiner, 2000, p. 66). Jogos de palitos e outros semelhantes desviam a criança dessa vontade de querer imitar o trabalho dos adultos. Os adultos que dirigem as crianças devem proceder com naturalidade

para que estas recebam o estímulo de imitar o que eles fazem por amor e não por obrigatoriedade.

A diferença existente entre a brincadeira da criança e o trabalho da vida consiste em que no trabalho da vida considera-se primeiro o ajustar-se às conveniências exteriores do mundo uma vez que o adulto se entrega às necessidades do mundo exterior. A criança, entretanto, quer colocar em atividade aquilo que se desenvolve a partir de sua própria natureza. Há uma atuação de dentro para fora na brincadeira ao contrário do trabalho que atua de fora para dentro.

A própria alma da criança nessa fase é diferente da alma do adulto que é mais permeada de intelectualidade. Por isso é importante que o educador tenha conhecimento da natureza humana em cada etapa da vida.

Nesta idade os brinquedos que as crianças brincam são de extrema importância, a alimentação (que também age diretamente na formação do corpo físico), também o trabalho com as cores. Este último Steiner exemplifica:

“(...) uma criança nervosa e irrequieta, e outra letárgica e fleumática, devem receber tratamentos diferentes a começar pelo ambiente em que vivem. A esse respeito tudo é importante, desde as cores do quarto e dos objetos que normalmente rodeiam a criança, até as cores das roupas com as quais é vestida. (...)Uma criança excitada deve ser rodeada de cores vermelhas e amareladas e ser vestida nessas cores; no caso de uma criança impassível convém recorrer às tonalidades azuis e esverdeadas. O que importa é a cor complementar produzida interiormente. No caso do vermelho, será a cor verde; no caso do azul, a alaranjada, como facilmente constatamos quando olhamos durante algum tempo para uma superfície colorida nessas cores e depois fixamos o olhar rapidamente numa superfície branca. Essa cor complementar é produzida pelos órgãos físicos da criança e provoca as estruturas orgânicas correspondentes, de acordo com as suas necessidades. Se a criança irrequieta tem ao seu redor uma cor vermelha, esta produz intimamente a imagem complementar verde. A produção dessa cor verde tem efeito calmante, e os órgãos adquirem tendência para a calma” (Steiner, 1987, p.23).

Nesses primeiros anos da infância, as canções que permeiam o ambiente devem impressionar pelo belo ritmo. O que importa muito é a beleza sonora.

2.7. Educação Infantil

Na Pedagogia Waldorf dá-se uma importância fundamental à educação no primeiro setênio por tratar-se do desenvolvimento do corpo físico. “A educação visa proporcionar um corpo são para uma mente sã” (Proposta Educacional Waldorf para a Educação Infantil, 1998, p. 24).

O grupo de jardim de infância deve ser uma reprodução da família: “uma unidade fechada, com seu ambiente próprio, sob a direção de uma ou duas orientadoras (as mesmas durante um longo período). As crianças não deveriam ser todas da mesma idade. Esta poderia variar de quatro a seis anos e meio, como uma família, onde também há irmãos e irmãs menores e maiores. Os grandes têm nesse caso responsabilidade e tarefas mais amplas, inclusive zelar um pouco pelos menores” (Lanz, 1979, pp. 99 – 100).

Cada grupo deve ter a sua sala, seus brinquedos e, no jardim, pequenos obstáculos, morros, árvores, brinquedos, gangorras. O dia é dividido em períodos de várias atividades, com pequenos deveres distribuídos entre os alunos como regar plantas, arrumar a sala, preparar a mesa para o lanche, guardar brinquedos. Tudo feito de uma forma natural, sem constrangimentos. O princípio educativo é a imitação. A criança imita o gesto exterior e também o gesto interior, por isso é de fundamental importância que o educador esteja sempre numa atitude de auto-educação.

“Todas as atividades do adulto precisam ser apresentadas de tal forma à criança que a mesma deseje recriá-las sob a forma de brincadeiras” (Jaffke, 1997, p. 01). Jaffke afirma que há quatro tipos ou grupos de trabalhos que merecem atenção especial do jardim de infância: 1– Cuidados com o ambiente do jardim (O professor deve cuidar de tudo que está ao seu redor: cuidar das plantas, limpar o pó, cuidar da cozinha, limpar os móveis, etc); 2– Trabalhos domésticos (cozinhar, preparar frutas para o lanche, fazer um chá, bolo, pôr a mesa, etc); 3– Manufaturar e cuidar dos brinquedos (bonecas, bichos, costurar e bordar guardanapos, concertar brinquedos, etc); 4 – Preparo das festas (As crianças devem vivenciar os preparos para as festas, como por exemplo, preparar na frente das crianças as lanternas para a festa da lanterna, por exemplo).

A distribuição dos afazeres diários é livre e elaborada pelos professores de cada jardim de infância. Rudolf Lanz (1979) exemplifica o ritmo de um dia que pode haver uma atividade

comum no começo, para tornar o grupo harmonioso e em seguida as crianças podem brincar fora da sala (no quintal) livremente, sozinhas ou em grupo pequenos que se formam espontaneamente. O lanche, pode acontecer em seguida, as crianças devem lavar as mãos para comer, sentar direito, comer sem fazer algazarra. Depois de guardar a louça, uma atividade em comum como pintar, modelar, recortar, com pequenas interrupções para contos, dramatizações, etc. E, no fim, a roda sentada em silêncio, a professora contando, pausadamente, com muita expressão, um conto de fada, com canções e versinhos intercalados – se possível repartido em vários dias para manter a expectativa da continuação. O importante é manter sempre os mesmos ritmos, qualquer alteração deve ser apresentada como grande acontecimento: um passeio, uma festa de aniversário de um aluno, sempre transformada em cerimônia solene e alegre. Este é apenas um exemplo, cada jardim de infância vai escolher e montar o ritmo de seu dia. Mais adiante no capítulo A PESQUISA há um outro modelo de atividades como exemplo utilizado em um jardim-de-infância da cidade de Campinas.

Deve haver uma grande preocupação com o ambiente que deve ser acolhedor e aconchegante. A criança deve adquirir confiança no mundo. Cada objeto, pelo seu material, deve ser o que parece ser, por isso a exigência de materiais naturais como madeira, pedras, panos, etc. Não se utiliza material plástico e sintético por não serem dessa natureza. Através das diferentes texturas dos objetos de madeira e diferentes pesos, por exemplo, a criança possui maior ligação com o que é real. É mais difícil empilhar tocos de madeira de diferentes tamanhos e formas do que simplesmente montar alguns jogos prontos para essa atividade.

A atividade de pintura em aquarela, por exemplo, possui o objetivo de vivência das cores e não a reprodução de um objeto, ou a coloração de um desenho pré-impresso. A modelagem pode ser de barro ou de cera de abelha (material natural não tóxico). Esta última é utilizada preferencialmente por exigir um certo esforço dos dedos para ser amolecida. Também podem ser usados jogos com bonecas e objetos de uso diário, teatrinho de fantoches, jogos ao ar livre, rodas e canto, passeios na redondeza, etc.

Na educação infantil, é importante que se dê atenção especial ao desenvolvimento dos órgãos dos sentidos. Estes são canais por onde os fenômenos do mundo exterior entram para o interior do ser humano. A riqueza interior do homem depende da capacidade de perceber as mensagens sensoriais.

Para que possamos analisar algo exterior, é preciso que se atente à observação primeiramente e não sua interpretação. Para que isso aconteça é preciso um esforço uma vez que o que podemos enxergar através de nossos sentidos é apenas parte da realidade. Steiner relata sobre a existência dos doze sentidos que agem como cortinas que encobrem a

verdadeira essência das coisas. Além disso, através da antipatia e da simpatia também não nos aproximamos da essência. A partir do momento que temos grande simpatia por algo externo, é como se estivéssemos dormindo para sua verdadeira essência, é preciso um distanciamento. Da mesma forma, quando o sentimento por algo é de antipatia, também não estamos dando oportunidade para conhecê-lo essencialmente. Daí a importância da não interpretação dos fatos a priori, de não se julgar com sentimentos.

Os doze sentidos seguem abaixo:

Sentido do tato, vital, do movimento, do equilíbrio que são principalmente permeados de atividade volitiva; sentidos do calor, paladar, olfato, visão e audição são principalmente ligados ao sentimento; sentidos do pensamento, do eu e da linguagem que são principalmente cognitivos (Steiner, 1988, p. 103). Steiner afirma que se não tivéssemos doze sentidos, olharíamos em redor como que apáticos, não podendo experimentar o ato de julgar. Com os sentidos podemos nos unir a tudo que está separado participando da vida íntima das coisas.

01 – Sentido do tato: percepção da pressão que os objetos externos exercem sobre a periferia do corpo.

02 – Sentido da vida: Percepção da manifestação dos processos vitais orgânicos como na fome, no sono, na dor, etc.

03 – Sentido do movimento: Percepção do movimento próprio, sendo que o movimento externo é acompanhado, às vezes bem sutilmente, com o movimento próprio.

04 – Sentido do equilíbrio: Percepção do próprio corpo no espaço. A constante luta contra a força da gravidade e a experiência nas dimensões espaciais.

05 – Sentido do olfato: Percepção de odores.

06 – Sentido do paladar: Percepção dos sabores.

07 – Sentido da visão: Percepção da luz, escuridão e cores.

08 – Sentido térmico: Percepção da temperatura do mundo e de objetos externos em relação com a temperatura própria.

09 – Sentido da audição: Percepção de ruídos e sons.

10 – Sentido da palavra ou linguagem: Percepção de sons nos fonemas ou de movimentos que, na sua seqüência, assumem um significado específico.

11 – Sentido do pensamento: Percepção da linha de pensamento e do conteúdo pensado por outras pessoas. Independentemente se esses são expressos oralmente, por escrito, m gestos ou em obras de arte.

12 – Sentido do eu: Percepção de EU alheio.

As experiências de maior importância para a faixa etária em questão são as transmitidas pelos quatro primeiros sentidos mencionados acima. São aqueles que trazem as mensagens do próprio corpo e ajudam a criança a fazer uso dessa corporalidade para ir se adaptando ao mundo. O educador deve dar grande importância à qualidade dos fenômenos e objetos externos que irão influenciar a formação e o funcionamento dos órgãos dos sentidos. A criança circundada por sons altos e estridentes não terá condições de desenvolver uma audição apurada. A qualidade do ambiente preparado pelo educador para a criança de primeiro setênio irá definir a riqueza de sua vida interior no futuro.

No primeiro setênio, a alma e o espírito do indivíduo ainda estão intimamente ligados ao corpo físico. Depois da troca dos dentes, quando a alma e o espírito se emancipam do corpóreo, levam consigo as experiências vividas na fase anterior. No segundo setênio, os próximos quatro sentidos dos acima citados, trarão as mensagens mais importantes para despertar o interesse e o amor pelo mundo. Os últimos quatro sentidos terão posição de destaque para o desenvolvimento do jovem de terceiro setênio.

Alguns Elementos Educativos para a Educação Infantil (de acordo com a Proposta Educacional Waldorf):

Ritmo

Todo processo de aprendizagem deverá respeitar um ritmo adequado. A Pedagogia Waldorf considera fundamental a alternância sadia e equilibrada entre concentração e expansão, entre atividade intelectual e prática, entre esforço e descanso, entre recordação e esquecimento. A partir desse ponto, se planeja a prática educativa anual, mensal, semanal e diária.

No primeiro setênio, tempo e espaço são vivenciados de forma bem orgânica e concreta através da seqüência das atividades propostas.

No dia-a-dia, as repetições das tarefas e de movimentos estabelecerão os hábitos, a memória inconsciente corporal que permanecerá por toda a vida.

As atividades específicas para cada dia, possibilitam a percepção qualitativa do tempo.

A passagem pelas estações do ano e suas festas é marcada por experiências concretas e pelo intenso processo de preparação para cada evento. Cultiva-se o respeito pela natureza e a postura de reverência.

As atividades assim regidas pelos ritmos da natureza, transmitirão segurança à criança trazendo-lhe saúde e possibilitando o correto desenvolvimento do sentido vital.

Festas do Ano

Nas Escolas Waldorf, as festas do ano seguem o calendário cristão. Delas são extraídos os conteúdos e transformados para as crianças em imagens retiradas da natureza. As festas cristãs tem o significado de um caminho percorrido pelo adulto de auto-desenvolvimento. As festas formam um ciclo como em uma espiral em que, a cada ano, temos a chance de percorrer esse caminho novamente.

A Pedagogia Waldorf propicia à criança, e aos adultos que se propõem à auto-educação, a possibilidade de vivenciar as épocas, os ritmos, e assim resgatar valores e hábitos saudáveis.

O ano letivo inicia-se no final do verão. O calor começa a diminuir, os dias e as noites se igualam, as folhas se soltam e os frutos amadurecem. É a chegada do outono. Nesta atmosfera acontece a festa da Páscoa, que tem como cerne a crucificação, a morte e a ressurreição de Cristo. Estes conteúdos são trazidos para as crianças com a imagem da transformação da lagarta em borboleta. Cinquenta dias depois do Domingo de Páscoa, acontece a grande festa de Pentecostes, a vinda do Espírito Santo proporcionando o entendimento dos homens entre si em nível superior, isto é, em nível espiritual. Através dessa qualidade podemos compreender o próximo e superar as diferenças, entendendo que cada ser humano é parte do todo, e que todos são importantes para uma humanidade saudável.

No transcorrer do ano, as noites ficam mais longas, a temperatura começa a cair e as plantas perdem o viço. A natureza se recolhe e inicia o inverno. Neste clima ocorre a festa da lanterna, na qual se procura a luz que cada um tem dentro de si. Durante o inverno, também festeja-se São João, que é o preparador da vinda de Cristo. Nos Jardins de Infância Waldorf comemora-se esta época acendendo fogueiras que, além de esquentar a noite, acendem os corações de novos impulsos, entusiasmo e calor interno que acompanham nossos dias.

Após as férias, a temperatura se eleva um pouco. Dias e noites se equilibram, as flores começam a desabrochar, o verde das plantas torna-se mais intenso e os ventos trazem a Primavera. Há a festa do arcanjo Micael, que é o guia espiritual de nossa época, responsável por nossa cultura e história, estimulando cada indivíduo a vencer suas dificuldades interiores. Ele é o grande incentivador da coragem humana. Ele dá força à ação e clareza ao pensamento. As histórias e as canções de Micael são vivenciadas pelas crianças, transmitindo forças interiores que serão levadas pelo ano todo.

Após o dia de finados, o Jardim de Infância se prepara para a festa de Natal. O Sol brilha mais forte, o calor aumenta e os dias tornam-se mais longos. Com isto vivencia-se o

Natal, nascimento do Menino Jesus. Esta festa simboliza o amor ao próximo e o nascimento de Cristo em nós. Nos Jardins pode-se festejar a singeleza do nascimento e a visita dos pastores.

Outro grande momento de comemoração nos Jardins é a festa de aniversário. Ela é feita para cada criança no dia de seu aniversário. Neste dia, todo o ritmo do jardim é voltado para esse evento. A roda, o lanche e a história do final da manhã são especialmente dedicados ao aniversariante.

O Brincar e os Brinquedos

O valor do brincar para o desenvolvimento sadio da criança é cientificamente comprovado e é a preocupação de muitos educadores. Estes têm a tarefa de criar o ambiente e as condições para o processo auto-educativo da criança ao brincar livre. A primeira preocupação é criar um ambiente propício para o desenvolvimento dos órgãos dos sentidos, que irão se formar de acordo com as qualidades dos estímulos. Cada objeto em sala de aula deve ter seu lugar e seu valor para que as crianças possam criar vínculo com as mesmas. Os brinquedos e objetos devem ser de materiais naturais, duradouros e bonitos.

Além dos brinquedos estruturados usuais como bonecas de pano, carros de madeira, etc, dá-se muita importância, na Pedagogia Waldorf, ao oferecimento de objetos rústicos naturais como pinhas, sementes de vários tamanhos, tocos de madeira, conchas, pedras, raízes, tudo para estimular a fantasia da criança. Também há instrumentos musicais afinados como o metalofone, xilofone, triângulos, sinos, kântele (*Veja no apêndice sobre este último instrumento - página 83*).

Os brinquedos são diferentes para cada faixa etária (berçário, maternal, jardim).

Cirandas e Dramatizações

É o momento central da manhã, quando a professora reúne as crianças em uma roda e através de movimentos, versos, canções e dramatizações desenvolve o conteúdo de uma época. Esse conteúdo acompanha o ritmo do ano com suas festas e estações e é trabalhado todos os dias, da mesma forma e no mesmo horário por três a quatro semanas. A professora elabora primeiramente o tema, usando uma linguagem adequada inspirada na vida, na natureza. Em seguida pesquisa os movimentos que expressam coerentemente cada imagem, cada ação que ela quer trazer. O importante é que fala e gestos estejam sincronizados e sejam autênticos.

É nesse momento que a professora tem a possibilidade de conduzir os movimentos, sempre contando com a imitação, e ajudar na aquisição da coordenação motora, da noção espacial, do equilíbrio e também harmonizando tendências que as crianças trazem (agitação, dispersão, falta de fantasia, movimento mecanizado, etc).

Contos de Fadas e Histórias

A voz do educador não transmite apenas o conteúdo do conto, ela também se revela a si própria. A voz humana comunica ternura. As crianças também assimilam, neste contato com a língua materna, as palavras, as formas estruturais. O conto representa para a criança um abundante conhecimento de informação do idioma.

Somente ao repetir muitas vezes o mesmo conto é que se proporciona a relação com cada detalhe, com a seqüência de imagens, com a beleza da linguagem.

Os contos de fadas merecem atenção especial pois são para a criança, a linguagem rica e profunda através da qual ela acolhe verdades acerca da vida anímica humana. Os personagens representam aspectos humanos fundamentais em cada um de nós. As lutas, batalhas, alegrias, tristezas, têm como cenário o íntimo do ser humano. Ao recebê-lo, a criança se fortalece para trilhar o seu próprio caminho na vida.

Ao narrar os contos, o educador possui uma relação verdadeira e íntima, por isso deve evitar a leitura direta. A pessoa que narra está em contato direto com os ouvintes, sentindo imediatamente suas reações.

Os contos de fadas possuem grande importância para as crianças até oito ou nove anos de idade. Rudolf Lanz (1979) ressalta que apenas os autênticos contos populares possuem essa função como, por exemplo, os contos dos irmãos Grimm, uma coletânea de velhos contos populares anotados pelos dois grandes cientistas. Nessa linha não entram os contos nascidos da imaginação de autores modernos, pois, os velhos contos populares têm seu valor no conteúdo sábio que transmite numa forma imaginativa, verdades e realidades de ordem espiritual cujo objetivo é a representação da evolução espiritual da humanidade e do indivíduo. Os contos provêm de uma velha sabedoria popular, e não foram inventados e nem redigidos com o intuito de divertir crianças. São restos de uma velha mentalidade popular vazada em imagens e não em conceitos. Por isso sua atração para as crianças que vivem num estado anímico semelhante.

Nas imagens dos contos, encontram-se os princípios diretores da evolução humana: o estado original de harmonia e perfeição (o 'reino'), a queda (a 'madrasta', as andanças pela floresta), a perda da harmonia original (o mundo das pedras, os sofrimentos), as tentações

(dragões, fadas más), o despertar da inteligência (anões que auxiliam, outros seres elementares), a alma que luta (a 'princesa' vestida de trapos, ou o príncipe que passa por dificuldades), a redenção final, isto é, a purificação como volta a um estado de harmonia (o casamento feliz, da princesa com o príncipe), etc. Essas imagens mostram as tendências e anseios que, inconscientemente, desenham-se na alma infantil, gravando em seu subconsciente ideais e anseios que, mais tarde, transformam-se naturalmente nos ideais e aspirações da vida.

Desenho Infantil

O desenho da criança brota de dentro dela de forma espontânea. Eles são manifestações de forças formativas que estão modelando seu corpo. As formas que a criança mostra no seu desenho espelham a maneira como as forças plasmadoras estão agindo em seu interior.

Através dos desenhos, o educador pode observar o desenvolvimento da consciência da criança e do estado de seu amadurecimento corpóreo.

A criança do primeiro setênio não deve aprender a desenhar de uma forma dirigida. Deve-se incentivar o desenho como atividade diária, sendo que o lápis ideal é o de cera ou outros que tenham a superfície corante bem larga.

O adulto pode desenhar com a criança para que elas imitem sua atitude de trabalho e sua dedicação. O que importa nessa idade é o processo, não o resultado final.

Nos primeiros sete anos cada criança faz sua autobiografia através de seus desenhos. Existem, de uma forma geral, três fases no desenvolvimento do desenho: De um ano e meio a três anos; de três a cinco anos; e de cinco a sete anos de idade.

1ª FASE – De um ano e meio a três anos de idade

As forças que modelam o corpo da criança se manifestam no desenho. O desenho é só movimento, ela própria é movimento. Nesta fase a cor é um elemento secundário. Há uma grande quantidade de linhas redondas e lentamente vão surgindo linhas retas que aparecem em forma de pêndulo.

Surge então o espiral desenhado de forma para dentro, em seguida, o movimento redondo, o círculo fechado. A criança procura o seu centro. Vivencia o fora e o dentro. No momento em que fecha o círculo está tomando consciência de si mesma.

Do pêndulo surge a vertical e a horizontal, formando uma cruz. Assim a criança se sente com três anos. Os seus pés a carregam com firmeza, seus braços e mãos estão livres para atuar.

Em resumo, no desenho dessa fase predomina o redondo, o círculo. É a fase do amadurecimento das funções neuro-sensoriais, que têm como centro o cérebro.

2ª FASE – De três anos a cinco anos de idade

A partir dos três anos a criança se relaciona diferente com o mundo. Ela descobre seus órgãos de sentido como uma janela para fora. Através dos sentidos o mundo entra para sua 'casinha'. A comunicação da criança com o mundo se dá através de seus sentidos.

Nessa fase, surgem os tentáculos, os raios, que são desenhados de dentro para fora. Surgem figuras com antenas ou pernas compridas que saem da cabeça. Olhos e bocas aparecem mais que o resto do corpo.

Quando a criança está com quatro anos aparecem novas formas no desenho. A criança divide a folha em vários espaços, criando um ritmo. Fisicamente é modelada e estruturada a região do meio: a vertical é cortada pela escadinha. Começam a aparecer o quadrado e o retângulo. O corpo da criança se alonga.

As escadinhas nos desenhos nos mostram a formação da coluna e do tórax como um todo.

A criança descobre as cores, mostrando uma nova dimensão da vida interior. Ela escolhe cada cor que quer usar e combina as cores de forma expressiva. Há desenhos que são somente ritmo e cor. No brincar a criança desenvolve muita fantasia. Cada brinquedo pode se transformar em tudo.

A criança começa a ilustrar cenas do mundo que a circunda, o desenho possui elementos exteriores. Identificamos um carro, balanço, casinha. Ainda não há chão.

Também por volta dos quatro anos, a criança começa a desenhar mãos, mas não tem idéia de quantos dedos cada mão tem.

Os primeiros elementos ilustrativos surgem por volta dos cinco anos. A criança começa a desenhar o mundo que a circunda: casa, árvore. Não há ordem: em cima / embaixo, direita / esquerda, é como se as figuras 'voassem' pelo espaço.

Como resumo dessa fase, a criança procura retratar o mundo externo e não somente aquilo que ela é interiormente.

3ª FASE – De cinco a sete anos de idade

Nessa fase, o corpo da criança ganha musculatura, os órgãos de digestão amadurecem, pernas e mãos ficam mais habilidosas. Aprende a pular corda, sobe nos galhos mais altos das árvores.

No desenho, surge a forma do triângulo, como o telhado da casa, a saia da menina, montanhas. É o sinal da troca dos dentes.

Os objetos passam a ser colocados no chão. A criança desenha céu e chão (relação de em cima e embaixo). Além disso, a criança mostra cenas detalhadas do cotidiano. Usa memória para desenhar. Cada vez mais a criança procura retratar o mundo que a circunda.

Aumenta-se a riqueza descritiva do desenho, “com isto temos o sinal exterior de que a primeira fase do desenvolvimento baseado na força do querer, está chegando ao fim. As forças plasmadoras se retiram parcialmente do organismo para agora plasmar pensamentos fundamentados no sentir. A criança está madura para o início de sua vida escolar.

Aquarela

Esta atividade é desenvolvida semanalmente no Jardim de Infância para ampliar a vivência de cores. Utiliza-se uma tinta produzida a partir de pigmentos orgânicos que proporciona a vivência intrínseca da cor em sua forma mais pura. O pigmento é diluído em água, mantendo a pintura isenta de definições e contornos. São utilizadas as cores primárias (azul, vermelho e amarelo) e pelo encontro destas, decorrerá transformação das cores. O papel é branco e molhado, o que possibilita maior transparência, fluidez da pintura e vivência do elemento líquido. *Veja figura 6 no apêndice.*

Modelagem

Este processo pode ser realizado no tanque de areia, no barro, na argila, no amassar o pão, nas massinhas de cera de abelha.

Quando a criança faz modelagem, ela expressa fantasia e criatividade, além de desenvolver coordenação motora grossa e fina, o tato, as variações de tônus muscular, sensações térmicas, etc.

A massa de cera de abelha, por ser um material de consistência dura, necessita ser aquecida pelas mãos, para seu manuseio. Trabalha-se a persistência, o querer.

Ao se oferecer o barro ou a argila às crianças, é indispensável passar essência de chá de camomila ou óleos essenciais nas mãos das crianças uma vez que estes materiais possuem uma qualidade de absorção.

O modelar no tanque de areia, além dos benefícios acima citados, auxilia na socialização.

Euritmia

A euritmia atua sobre os três pólos anímicos do ser humano: pensar, sentir e querer.

A criança, através da imitação das imagens trazidas e dançadas pelo professor de euritmia, transforma sua fantasia em ação (movimento). Essas imagens têm como veículo a narrativa ou recitação do professor (fala).

A formação da fala contempla três elementos relacionados à organização corporal e anímica do homem:

- * Dinâmica – proveniente da musculatura abdominal (relacionada com o sistema metabólico-motor).
- * Sonorização – produzida pelas cordas vocais na laringe (sistema rítmico).
- * Articulação – na região da boca, principalmente língua, dentes e lábios (sistema neuro-sensorial).

A euritmia abrange gestos essenciais para cada fonema da língua, sempre formados a partir dos três elementos: dinâmica, sonorização e articulação.

No primeiro setênio, a gesticulação nas coreografias eurítmicas deve ser simples e expressivos, próximos ao arquétipo dos personagens dançados (a princesa, o gigante, o anão, o cavaleiro, etc.), sempre buscando a abrangência do fonema que melhor expressa esse arquétipo (exemplo: V da palavra vento, I da palavra Príncipe, etc...)

Esse gesto fortalece a união do EU com o querer.

A maioria das músicas usadas em sala, é pentatônica (escala em RÉ). A música tem o papel de acompanhar as imagens criadas. Por exemplo: o gigante caminha com passos pesados e longos, portanto usa-se ritmo lento e bem pausado. A criança deve ter tempo para penetrar na imagem, trabalhando assim de forma lúdica e artística sua lateralidade, sua orientação espacial, destreza, coordenação motora, etc.

Música

“Música é o movimento ordenado do tempo e de tons no espaço ao qual a criança pequena se liga de forma integral, pois vivencia esse movimento como expressão de processos internos” (Proposta Educacional Waldorf para Educação Infantil)

Olhando para os elementos musicais, a música pentatônica (apenas cinco tons – Steiner defende para o primeiro setênio a escala pentatônica de ré: RÉ, MI, SOL, LÁ, SI, RÉ, MI) é extremamente confortável. A voz humana pode se expressar com fluência e leveza.

Atividades Livres

A estrutura física de um jardim de infância comporta todos os elementos de uma casa. Os trabalhos do dia-a-dia são realizadas pelo educador com a ajuda das crianças: limpar e arrumar a sala, lavar e passar roupa, cuidar do jardim, cozinhar, lavar a louça, etc.

A criança, ao observar o educador, imita esse gesto levando-o para seu brincar além de construir a base moral para realizar trabalhos úteis para o mundo no futuro.

Organização por faixa etária: jardim, maternal, berçário

Jardim

O Jardim de Infância recebe crianças de três a seis anos de idade. A preocupação é criar para as crianças, o ambiente aconchegante do 'lar', agrupando um número limitado de crianças. As idades variam entre quatro a seis anos de idade, na intenção de reproduzir o ambiente familiar com irmãos de idades diferenciadas, onde os grandes têm responsabilidades e tarefas mais amplas, inclusive zelar um pouco pelos menores. "O grupo é orientado por um educador estudioso do universo infantil, que cuida para que o dia seja dividido em períodos de várias atividades, onde não devem faltar, entre outros aspectos, inúmeros pequenos deveres entre os alunos como: regar as plantas, arrumar a sala, preparar a mesa para o lanche, guardar os brinquedos. Tudo isso, certamente, sem causar constrangimentos" (Proposta Educacional Waldorf para a Educação Infantil, p. 44).

Maternal

O maternal recebe crianças de um ano e meio a três anos de idade.

Nesta fase praticamente não existem atividades dirigidas, sendo que o enfoque maior e mais importante a ser dado é a satisfação das necessidades básicas da criança e os cuidados que ela demanda. O educador procura tratar cada criança individualmente com os cuidados básicos como troca de fraldas, de roupas, pôr e tirar sapatos, etc. Nos cuidados cotidianos é que a criança tem a possibilidade de perceber o amor e a atenção que lhe são dedicados.

Nesta faixa etária, a criança não percebe ainda o outro como tal. Não se pode exigir que a criança partilhe. A criança precisa se sentir segura. Para isso, deve brincar com os

elementos ao seu redor. Através do brincar sadio, o maternal oferece condições para a criança se realizar.

Berçário

O berçário recebe crianças de três meses a um ano e meio aproximadamente.

Para cada cinco crianças deve ter um educador atento e amoroso. A individualidade é bastante respeitada, bem como o desenvolvimento da criança.

Os brinquedos são simples e estão à disposição das crianças.

A alimentação é balanceada de acordo com a faixa etária, constituída de produtos naturais sem agrotóxicos.

Avaliação

A avaliação na Educação Infantil, parte da observação constante e metódica da criança com o objetivo de ajustar a prática pedagógica e o planejamento das atividades às necessidades que vão surgindo no desenvolvimento de cada uma delas e do grupo.

Há um acompanhamento do amadurecimento do corpo físico, psíquico e cognitivo levando em conta o equilíbrio entre eles.

Os pais devem ser informados, em reuniões particulares, das conquistas e das dificuldades dos filhos.

Toda avaliação deve ficar registrada em diário de classe da professora, relatórios ou atas tendo-se sempre o cuidado de documentar uma imagem ampla e objetiva da criança e do seu desenvolvimento.

3. Objetivo

Conhecer a proposta da Pedagogia Waldorf, em seus princípios, aspectos teóricos e aplicação na educação infantil.

Objetivos específicos:

- Introduzir uma discussão sobre a História da Educação e sua contribuição para a educação atual;
- Estudar as contribuições teóricas e os princípios da Pedagogia Waldorf;
- Levantar algumas pesquisas brasileiras sobre a Pedagogia Waldorf;
- Observar o cotidiano de um Jardim-de-Infância Waldorf.

4. A Pesquisa

O dia-a-dia no Jardim-de-infância...

“O brincar da criança é a manifestação mais profunda do impulso que a conduz ao fazer, sendo que neste fazer o homem tem a sua verdadeira essência humana. Não será possível imaginar uma criança que não desejasse ser ativa, como o é quando brinca, pois o brincar representa a liberação de uma atividade que deseja se libertar do cerne do ser humano”.

Rudolf Steiner

Realizei a observação das atividades de um Jardim de Infância Waldorf da cidade de Campinas de fevereiro a novembro deste ano. Este localiza-se em um bairro urbano. É um local que possui uma grande área livre (descoberta) com árvores, balanços, escorregador, cordas e tanque de areia. No período da manhã funcionam duas salas: uma de maternal e outra de jardim de infância. No período da tarde funciona uma única sala de jardim. *Veja as figuras 19 e 21 no apêndice.*

A sala de jardim de infância do período da manhã, na qual realizei a observação, é composta por dezoito crianças acompanhadas por uma professora e uma estagiária. A

professora, além da formação para Educação Infantil, cursa o Seminário de Pedagogia Waldorf. A estagiária cursa Pedagogia e também o Seminário de Pedagogia Waldorf.

Cada sala de jardim possui uma cozinha (fogão, pia, armário com utensílios de cozinha) uma vez que o lanche é preparado com as crianças. As crianças realizam as atividades e tomam o lanche numa mesa grande e única para todos (não há mesa individual no jardim de infância). Os ingredientes para o lanche (farinha, açúcar, polvilho, frutas, suco, pão etc.) são trazidos pelos pais. A professora passa a lista dos ingredientes que são trazidos pelos pais no primeiro dia da semana. Cada semana é uma criança que leva os ingredientes para o lanche.

Há também os brinquedos (tocos de madeira, panos coloridos, bolas de lã, bolas de meia bordadas, carrinhos de madeira, bonecas e bonecos de pano, carros de boneca, pequenas bolsas, pé-de-lata, casinha de madeira, mesinha, bichos de pano e lã, pontes de carrinhos) e também o cantinho de época.

O ‘cantinho de época’ é um local dentro da sala de jardim que pode ser uma pequena mesa colocada no canto da sala que ilustra cada época que estão vivenciando. Não é um canto que as crianças podem ficar brincando com os objetos, mas elas podem trazer elementos de casa para compô-lo como sementes, folhas, flores, pedras, etc, conforme a época que estão vivenciando. Por exemplo, na época de Verão, no canto de época haverá conchas do mar, caramujos, algumas pedrinhas, etc. Sempre é montado um cenário para esses elementos, utiliza-se de sedas coloridas ou panos bem finos também tingidos. Pode utilizar nessa época cores mais azuladas e esverdeadas para simbolizar um mar, por exemplo. A fantasia e criatividade do professor podem se manifestar dentro dos temas. Em cada época, o ritmo do jardim é voltado para seu tema, portanto, não apenas as rodas rítmicas como também as histórias contadas, a culinária e até algumas brincadeiras são permeadas pelo tema da época que é central.

O ano letivo é dividido em épocas (cada época possui cerca de quatro semanas). “Quando trabalhamos em épocas (blocos) acalmamos as crianças e mostramos um aspecto de dedicação e fidelidade com a nossa tarefa. Quanto mais variamos o trabalho, mais inseguras ficam as crianças. As crianças imitam a postura de persistência, de dedicação e fidelidade do professor. Observando isto nas crianças, obteremos um retorno em alegria e auto-afirmação...” (Jaffke, 1997, p. 09).

“As festas cíclicas têm especial importância no desenvolvimento da alma humana. Através do movimento interno que elas trazem, o homem pode encontrar pontos de apoio e referência para sua vida” (Proposta Educacional Waldorf, p. 124). Nas escolas Waldorf, as

festas do ano seguem o calendário cristão. Delas são extraídos os conteúdos e transformados para as crianças em imagens.

Através das festas do ano, as crianças vivenciam o ritmo das estações. Percebe-se que é uma maneira de os adultos receberem e acolherem as crianças e semear, no interior de cada uma delas, valores preciosos de uma forma inconsciente e através de símbolos.

No primeiro semestre as crianças vivenciaram as épocas: de Carnaval (esta é mais curta, dura cerca de uma semana e meia), época do Verão, da Páscoa, do Outono, da Festa da Lanterna, e da Festa de São João. No segundo semestre, vivenciaram as épocas do Vento, da Primavera, Micael, Advento e Natal. As professoras, em conjunto, planejam no início do ano como vivenciarão cada uma dessas épocas, portanto a observação que aqui faço mostra como exemplo o que este jardim de infância vivenciou este ano.

Na época de carnaval deste ano, as crianças pintaram máscaras e na sexta-feira de Carnaval puderam brincar livremente com ela no final da manhã. Durante a semana faziam rodas cantando músicas de carnaval que foram escolhidas pelas professoras.

Em seguida, o tema verão permeou rodas rítmicas que trouxeram à tona assuntos sobre praia, castelos de areia, conchas, brisa.

Passada a época do Verão, teve início a época da Páscoa. É no clima do outono que esta época é comemorada: o calor começa a diminuir, os dias e as noites se igualam, as folhas se soltam e os frutos amadurecem. A Páscoa é vivenciada com imagens de transformação como a lagarta que se transforma em borboleta. O canto de época fica enfeitado com lagartas feitas de lã pela professora sobre galhos secos. Tudo montado num cenário (*Veja figura 22 no apêndice*). Casulos feitos de lã, ou até mesmo um casulo verdadeiro sobre um pequeno galho, podem enfeitar o cantinho da sala. As histórias, as brincadeiras e as músicas cantadas com as crianças nessa época envolvem esses temas e também sobre coelhos. Nas aulas de pintura, as crianças pintam ovos de galinhas vazios (levados pelos pais) com tinta, urucum, ou enfeitam com lã colada. Alguns ficam enfeitando o cantinho e outros são guardados para a comemoração da Páscoa. Na quinta-feira santa (pois geralmente não há aula na sexta-feira), há a comemoração da Páscoa no Jardim. Neste dia, no final da manhã, geralmente ocorre um teatro com a história do coelho da Páscoa (ou outra relacionada ao tema escolhida pelo corpo pedagógico da escola). Trata-se de um teatro de mesa realizado pelas professoras e os pais são convidados a assistir. Terminando a história, as crianças, envolvidas com a história, saem pelo jardim para procurar os ovos que o coelho de páscoa pode ter deixado por lá. Os ovos coloridos pelas crianças estão espalhados pelo jardim, com docinhos dentro: pode ser amendoim, pipoca de arroz ou outros. Todos os ovos são recolhidos em uma grande cesta e

depois distribuídos igualmente para cada criança que os leva para casa geralmente em cestinhas preparadas pela professora com a ajuda dos alunos. No próximo dia de aula, após a Páscoa, as crianças chegam no jardim e encontram borboletas nos lugares onde estavam as lagartas no cantinho de época. A professora prepara essa surpresa e entrega uma borboleta para cada criança no final da manhã. “Na festa da Páscoa procura-se enfatizar o aspecto cristão da ‘morte e ressurreição’” (Proposta Educacional Waldorf, 1998, p. 124).

Após a Páscoa, cinquenta dias depois do Domingo de Páscoa, acontece a festa de Pentecostes, a vinda do Espírito Santo proporcionando o entendimento dos homens entre si em nível superior (espiritual). Desta forma poderemos compreender o próximo e superar as diferenças, entendendo que cada ser humano é uma parte do todo, e que todas as pessoas são importantes para uma humanidade saudável. Esta época é vivenciada pelas crianças com brincadeiras e músicas sobre profissões, além de músicas em outras línguas.

No transcorrer do ano as noites começam a se tornar mais longas, a temperatura começa a cair e as plantas perdem o viço. Com esse recolhimento da natureza chega o inverno e é neste clima que acontece a Festa da Lanterna, na qual se procura a luz que cada um tem dentro de si. Esta festa acontece antes da festa de São João, na transição entre o outono e o inverno. Antes do anoitecer, cada criança, carregando sua lanterna e entoando canções, percorre um caminho “como uma preparação para a época de inverno, quando ocorre a internalização da luz individual” (Proposta Educacional Waldorf, p. 125).

A Festa da Lanterna traz um significado de recolhimento e interiorização. O recolhimento, nessa época, faz que nos aproximamos dos nossos conteúdos interiores. Este caminho é simbolizado, nas Escolas Waldorf, através da história da Menina da Lanterna que busca sua luz. Além de essa história ser contada no decorrer da época, no dia da festa há um teatro (humano ou de mesa) sobre ela. O teatro é acompanhado de música e sons (flauta, kântele, metalofone, bambus). *Veja sobre o instrumento kântele – página 83 no apêndice.*

Os momentos difíceis que passamos na vida têm como símbolo na história, o momento em que a menina tem sua luz apagada e precisa iniciar um caminho para reencontrá-la. Este caminho simboliza o caminho de auto-desenvolvimento do adulto. Primeiramente a menina encontra os animais que representam nossos instintos básicos e precisam ser dominados. Todos se negam a ajudá-la e ela acaba adormecendo para um sonho. Nesse sonho recebe ajuda das estrelas que indicam um caminho a seguir. Em seguida, ela se depara com as três partes que formam o homem: o pensar, o querer e o sentir, representados respectivamente pela fiandeira que tece o fio do pensamento; o sapateiro que com sua vontade e ação faz sapatos que nos mantém com os pés no chão; e a criança da bola que experiência o mundo com seus

sentimentos. A menina da lanterna pede ajuda para a fiandeira, para o sapateiro e para a criança da bola, mas a ajuda é negada também. A menina desanimada desiste e adormece em um sono profundo. Ao despertar (para o mundo físico) ela encontra sua luz, e na volta ilumina o caminho daqueles que precisam num gesto de doação e amadurecimento do seu sentir, querer e pensar. Ao reencontrar os animais e ajudá-los, também está reconhecendo seus instintos e dominando seu mundo interior.

A história utilizada no teatro foi a seguinte:

Menina da Lanterna

Era uma vez uma menina, que alegremente, carregava sua lanterna pelas ruas. De repente chegou o Vento! E com grande ímpeto, apagou sua luz.

- "Ah! Quem poderá reacender minha lanterna?" Olhou para todos os lados, mas não achou ninguém.

(Música: Eu vou com minha lanterna e ela comigo vai. No céu brilham estrelas, na terra brilhamos nós. O vento assoprou, minha luz apagou. Balanga, balanga, lampião.)

Que animal mais estranho, com espinhos nas costas, olhos vivos, tão ligeiro se esconde entre as pedras? Ah! É um ouriço!

- "Querido ouriço! O vento apagou minha luz; será que você sabe quem poderá acender minha lanterna?"

- "Não sei lhe dizer, pergunte a outro! Não posso demorar. Corro para casa, dos filhos preciso cuidar!"

Cabeça enorme, pesada, corpão peludo, desajeitado em lenta caminhada. Grunhindo, resmungando. Assim surge o urso da floresta!

- "Querido urso! O vento apagou minha luz; será que você sabe quem poderá acender minha lanterna?"

- "Não sei lhe dizer, pergunte a outro. Estou com sono, vou dormir e repousar. Hum, hum, hum..."

Quem de pêlo ruço, de passo furtivo, entre o capim se esgueira? É a raposa! Seu focinho levanta e farejando descobre a menina.

- "Que fazes aqui na floresta? Volte já para casa! Estou caçando e você afugenta os ratinhos!"

Com tristeza, a menina percebeu que ninguém queria ajudá-la. Sentou-se sobre uma pedra e chorou

- "Será que ninguém quer me ajudar?"

(Entrada das estrelas)

- "Pergunte ao Sol. Ele poderá lhe ajudar!"

Depois de ouvir o conselho das estrelas, a menina criou coragem para continuar seu caminho. Finalmente chegou a uma casinha, dentro da qual avistou uma mulher muito velha, sentada, fiando em sua roca.

A menina abriu a porta:

- "Bom dia querida vovó!"

- "Bom dia!"

- "Será que a senhora conhece o caminho até o Sol? Venha comigo procurar o Sol!"

- "Não posso acompanhá-la. A roca não pode parar, eu fio sem cessar. Descanse um pouco, pois seu caminho é muito longo."

Depois que descansou, a menina pegou sua lanterna, despediu-se e continuou sua caminhada.

A menina encontrou outra casinha no seu caminho: a casa do sapateiro. Este estava sentado em sua oficina consertando muitos sapatos. A menina abriu a porta:

- "Bom dia, querido sapateiro!"

- "Bom dia!"

- "Será que o senhor conhece o caminho até o Sol?"

- "Venha comigo procurar o Sol!"

- "Não posso acompanhá-la, tenho muitos sapatos para consertar. Descanse um pouco, pois seu caminho é muito longo!"

Depois que descansou, a menina pegou sua lanterna, despediu-se e continuou sua caminhada...

Lá longe avistou uma montanha muito alta:

- "Com certeza o Sol mora lá em cima", ela pensou; e pôs se a correr rápido como uma corça... No meio do caminho encontrou uma criança que brincava com uma bola.

- "Venha comigo, vamos até o Sol!"

Mas a criança nem respondeu, preferindo brincar com sua bola e afastou-se saltitante pelos campos. Então a menina da lanterna continuou sozinha o seu caminho, subindo pela encosta da montanha. Quando chegou ao topo, não encontrou o Sol.

- "Vou esperar aqui, até o Sol chegar."

Sentou-se, e como estava muito cansada da caminhada, seus olhos se fecharam e ela adormeceu.

O Sol já tinha avistado a menina há muito tempo... Ao entardecer, o Sol desceu até ela e acendeu sua lanterna. Depois que o Sol voltou para o céu, a menina acordou:

- "Ah! A minha lanterna está acesa!" E com um salto pôs-se alegremente a caminhar.

(Música: Eu vou com minha lanterna e ela comigo vai. No céu brilham estrelas, na terra brilhamos nós. O Sol fulgurou, minha luz brilhou, balanga, balanga, lampião.)

Na volta, encontrou com a criança da bola que lhe disse:

- "Perdi a minha bola, e não a reencontro mais no escuro!"

- "Vou ajudar-lhe com minha luz"

(Música: Minha luz vou levando, sempre dela cuidando. Se alguém precisar, dela posso lhe dar)

- "Encontrei minha bola!" – Exclamou a criança e afastou-se rapidamente.

A menina da lanterna continuou seu caminho até o vale, e chegou à casinha do sapateiro. O sapateiro estava sentado, muito triste na sua oficina, e quando lhe viu a menina lhe disse:

- "O fogo se apagou, e agora minhas mãos estão muito duras de frio. Não consigo trabalhar mais!"

- "Eu acenderei uma nova luz para você."

O sapateiro agradeceu, aqueceu as mãos e pôde novamente martelar e costurar com todo afinco os seus sapatos. Toin, toin.

A menina continuou sua caminhada, até chegar à casa da velha fiandeira. O seu quartinho estava escuro:

- "Minha luz se apagou, e não posso mais fiar!"

- "Eu acenderei nova luz para você."

(Música: Minha luz vou levando, sempre dela cuidando. Se alguém precisar, dela posso lhe dar)

A fiandeira agradeceu, e logo sua roca começou a girar, fiando... fiando... sem cessar. Depois de algum tempo a menina chegou ao campo, e todos os animais acordaram com o brilho da sua lanterna.

A raposinha ofuscada farejou, para descobrir de onde vinha tanta luz.

O urso bocejou, grunhiu e tropeçando desajeitado foi atrás da menina.

O ouriço, muito curioso, aproximou-se da menina e perguntou:

-“De onde vem este vaga-lume tão grande?

Assim a menina voltou feliz para casa, sempre cantando a sua canção:

Música: Eu vou com minha lanterna e ela comigo vai. No céu brilham estrelas, na terra brilhamos nós. O Sol fulgurou, minha luz brilhou, balanga, balanga, lampião.

Em seguida há a época de São João. A festa de São João é em homenagem a São João Batista. São João, além do aspecto religioso cristão que cada um vive livremente de acordo com seu credo, significa interiorizar-se, buscar a luz, a força que brota dentro do coração e da consciência. Na Pedagogia Waldorf essa festa simboliza que o antigo dentro do homem possa se recolher para algo de novo surgir. As festas juninas, principalmente nas regiões rurais do Brasil, são realizadas com a participação da comunidade local. As festas juninas nas escolas Waldorf também possuem essas características. É importante para as crianças, perceberem (e imitarem) essa atitude de trabalho dos adultos e suas ações concretas tanto na preparação dias antes da festa como também no próprio dia. Comemora-se esta época acendendo a fogueira que além de esquentar a noite, também acendem os corações de novos impulsos.

Neste ano, este jardim de infância comemorou no mesmo dia as festas da lanterna e junina devido a proximidade das datas e dos conteúdos que ambas trazem. No início da tarde há brincadeiras: pescaria, bola na lata, desafios, sino. Os pratos doces e salgados são levados pelos pais para montar uma mesa comunitária. No meio da tarde é feita a roda de São João com as crianças e também os convidados. Em seguida há o teatro e o passeio com as lanternas pelo jardim da escola. Cada criança tem sua lanterna feita pela professora e ajuda de alguns pais que puderam estar presentes em oficinas oferecidas pela escola para a confecção de lanternas. O passeio é feito todo cantado até chegar à fogueira que é acesa.

Após as férias, a temperatura se eleva um pouco. Dias e noites se equilibram novamente, as flores começam a desabrochar e o vento traz a primavera. Na época do vento, as crianças vivenciaram as professoras fazendo pipas, cataventos, bolinhas de sabão e essas são as principais brincadeiras dessa época. Também histórias sobre pipa, vento e saci (a roda é um instrumento para se trabalhar com as crianças elementos da cultura do local – país ou região – em que ela vive. No exemplo a seguir, da Roda do Vento, a professora que a montou aproveitou para trabalhar com o personagem saci). Um exemplo de roda rítmica segue abaixo (a roda é inteira feita com movimentos corporais):

Roda do Vento

“Vamos chamar o vento, uhh.....”

O vento é bom bailador

Baila, baila e assobia

Baila, baila e rodopia

*E tudo baila ao redor!
Levanta a poeira do chão
Derruba as folhas das árvores
Espalha as sementes de montão.*

*O vento sopra bem forte e faz a roupa secar
O vento sopra tão frio e faz a gente espirrar – Atchim!
O vento sopraquentinho, levanta as ondas do mar
O vento sopra ligeiro e faz a pipa empinar.*

*Música: “Olha o vento a soprar, leva a pipa no ar
Olha o vento a soprar, com as folhas quer brincar
Olha o vento a soprar, leva o barquinho no mar*

*E o catavento não pára de girar
Um redemoinho aparece no pomar”*

*Sassaricando, sorrindo e pulando
Quem vejo aí?
Será que é o saci?*

*Música: “Saci, saci, saci pererê
Mora no oco do toco, no oco do toco do redemoinho.
Saci, saci, saci pererê
Usa um chapeuzinho, fuma um cachimbinho e pula de uma perna só”*

A autora da roda tentou aproveitar o motivo do vento, característico dessa fase do ano, para contextualizar o personagem do folclore brasileiro saci pererê que surge nos redemoinhos. O tema pode variar de escola para escola, de região para região, uma vez que são as professoras que decidem como trabalhar cada época e cada conteúdo.

Em seguida há a época da Primavera. As sementes que caíram durante o outono, adormeceram durante o inverno, despertam e florescem nessa época. O tema das rodas, histórias e brincadeiras será sobre flores, borboletas, pássaros. Na festa da Primavera deste ano neste jardim de infância, enquanto os pais das crianças amassavam e preparavam um pão, as mães confeccionavam coroas de flores naturais para as crianças e também para os adultos para o momento da roda. Quanto à alimentação, a família de cada criança ficou encarregada de levar um item: frutas, pão (além do que estavam fazendo na festa) ou patê. *Veja figuras 18 e 25 no apêndice.*

Segue abaixo um exemplo de Roda da Primavera que foi utilizado esse ano:

Roda da Primavera

*Música: Leves cantos pelo ar, com a primavera
Lindas flores vão chegar, com a primavera*

*Lírios, dalias, alecrins, violetas e jasmims,
O sol vai brilhar,
Passarinhos vão cantar com a primavera.*

*No fundo da terra, dormindo e sonhando
Uma sementinha está descansando.*

Ploc! Ploc! Ploc!

*Bem nas costas da semente
Gotas de chuva forma cair.
"Divina semente já é hora de acordar!
Um belo jardim você irá enfeitar!"*

*Desenrolando, estirando
Novas hastes vão crescendo
Seu precioso tesouro
Agora guarda um botão.*

*Música: Uma fadinha delicada, no jardim vai passear.
Com a varinha mágica – Plim! –
Os botões vem despertar!*

*Os botões pequeninhos
Vão se abrindo devagar
Desabrocham lentamente
Suas pétalas vão mostrar.*

*Aparecem lindas flores
Coloridas, perfumadas,
Enfeitando o jardim com suas pétalas delicadas.*

*Música: Entrei num jardim com flores
Não sei qual escolherei
Escolho a mais formosa
Com ela eu dançarei.*

*Bis: Dolinsquidô, lelê
Dolinsquidô, lalá
Toca a viola para se dançar.*

Em seguida, neste clima, houve a época de Micael. A festa do arcanjo Micael ocorre no dia 29 de setembro, ele é o grande incentivador da coragem humana. É sentido como uma força capaz de lutar contra o dragão da própria alma, o qual é subjugado a seus pés. Ele dá força à ação e clareza ao pensamento. É um momento de reflexão do adulto de busca pela paz e por aquilo que acredita para um mundo melhor. As histórias e canções de Micael são vivenciadas pelas crianças. Aproveitando contos de fadas que falam sobre dragões, príncipes

corajosos, luta pelo bem, as crianças vivenciam o conteúdo dessa época. Tudo através dessas imagens.

No fim do mês de novembro, o jardim se prepara para a festa de Natal (nascimento do Menino Jesus). É uma festa que simboliza o amor ao próximo e o nascimento de Cristo em nós. Nos jardins pode-se festejar o nascimento e a visita dos pastores. Aos poucos, no cantinho de época, vai ‘acontecendo’ um presépio. Os reinos da natureza chegam um de cada vez: primeiramente o reino mineral (pode-se colocar no cantinho panos de cor marrom, pedras, areia, etc). Em seguida chega o reino vegetal e pode-se colocar algumas plantas e panos esverdeados e azulados representando a água. Depois, chegam os animais diversos e em seguida, o reino humano: Maria e José. O Jardim pode auxiliar os pais para construir também um presépio em casa e continuarem a montagem depois que acabarem as aulas para que no dia de Natal chegue o Menino Jesus.

No Jardim de infância, as crianças vivenciam também as professoras fazendo uma grande limpeza nas salas em geral. Limpam os vidros e enfeitam com dobraduras. Essa limpeza deve, então, acontecer para que essa nova luz chegue e ilumine o caminho no decorrer do ano.

Entre uma época e outra, os temas das rodas e histórias são livres, mas sempre é estabelecido um período mínimo no qual todo dia será vivenciado esse mesmo tema.

Cada dia da semana possui seu ritmo específico. Em geral, cada dia começa com uma atividade principal que é diferente em cada dia da semana:

Segunda-feira: A primeira atividade deste dia é o desenho com giz de cera. As crianças desenham livremente com blocos de gizes feitos com cera de abelha.

Terça-feira: Neste dia a primeira atividade é trabalhos manuais, as crianças aprendem a fazer “pom-pom” de lã, em seguida as maiores podem aprender a fazer “corrente” e mais para frente “tricô de dedo”.

Quarta-feira: A primeira atividade é a aquarela. Quando as crianças entram na sala, as tábuas onde são colocadas as folhas já estão na mesa e cada criança coloca seu avental e senta-se. Há sempre uma música para o pincel chegar, este é o ‘gigante’ que tem um pé muito grande e vai se deitar e dormir sobre a caminha (esta é o paninho no qual as crianças limpam o pincel). Este ‘gigante’ só será acordado para pintar quando a professora cantar a música para acordá-lo. Chegam os potes com água, as tintas e o papel que é molhado todo na água anteriormente. Sempre é contada uma história para ser introduzida cada cor. Terminando a pintura, cada criança guarda sua tábua num armário da sala próprio para deixar secar os trabalhos.

Quinta-feira: Neste dia a atividade é modelagem livre em cera de abelha.

Sexta-feira: É o dia da culinária. Geralmente as crianças ajudam a fazer uma pizza, um bolo, pão de queijo, torta, panquecas (esta última foi escolhida pelas crianças por causa de um conto que a professora contou que falava sobre panquecas).

O restante de cada dia possui o mesmo ritmo em comum.

Terminando essa atividade principal, as crianças podem brincar livremente dentro da sala. Algumas crianças pedem para ajudar a estagiária a preparar o lanche (fazer um suco, cortar a fruta, o pão). No jardim, geralmente o lanche é mais rápido de preparar sendo que no maternal há um enfoque maior para a culinária. *Veja figura 20 no apêndice.* Em seguida, há a ‘hora de arrumar’ e nesse momento os brinquedos são guardados com uma música que envolva esse tema. A professora inicia e as crianças, junto com ela, vão guardando os brinquedos numa atitude de imitação do gesto da professora de deixar a sala bem arrumada. A professora chama então para a roda. Terminando a roda, as crianças vão lavar as mãos para o lanche. As crianças, que já tiverem lavado as mãos, podem ajudar a colocar as toalhinhas de cada criança sobre a mesa e também os pratos e os copos. Geralmente, nesse momento a sala fica mais escura com uma sensação de recolhimento. Pode-se acender uma vela e faz-se a oração do lanche. Em seguida são servidos frutas, suco e pão (ou bolo, torta, de acordo com o cardápio do dia). Quando as crianças tiverem acabando de comer, a professora chama pelo nome cada criança que leva seu prato e seu copo para a pia e entregam a sua toalhinha para a professora. A estagiária vai saindo com estas crianças para escovar os dentes e em seguida já podem brincar pelo quintal. Neste momento as crianças do jardim encontram as crianças do maternal que também estão no parque. Em alguns momentos as professoras podem fazer brincadeiras dirigidas nesse momento do ‘brincar fora’. Enquanto cuida das crianças a professora pode estar fazendo algum trabalho manual para a sala, como costurando ou confeccionando algum brinquedo ou preparando algum material para a época (exemplo: lanternas, prendas da festa de São João), fazendo atividades de jardinagem (horta). Meia hora antes do horário das crianças irem embora, elas são recolhidas novamente para a sala para a ‘hora da história’. Antes de entrarem na sala, lavam as mãos, vestem os sapatos, enfim, ficam prontos para irem embora. Nesse momento, as cadeirinhas das crianças estão preparadas em círculo (algumas crianças ajudam a preparar as cadeiras junto com a professora). A professora conta história e em seguida faz a oração para agradecimento do dia.

Nos dias em que alguma criança faz aniversário, todo o ritmo do jardim é voltado para essa atividade. O bolo é feito com a ajuda deles, buscam flores no jardim para enfeitar a mesa que neste dia vai estar com uma bonita toalha, cada colega faz um desenho do que gostaria de dar para o aniversariante (no final da manhã são entregues para o aniversariante com uma

capa preparada pela professora). A professora prepara a coroa para o 'príncipe' ou 'princesa' (aniversariante). Depois de tudo pronto, a mesa arrumada, cada criança está no seu lugar, o aniversariante é chamado (enquanto os colegas arrumavam a mesa, o aniversariante fica numa sala separada geralmente com os pais dele para enfeitar a vela de aniversário com cera colorida de abelha. Os pais, quando podem, participam desse momento de enfeite da vela e do momento do lanche, em seguida vão embora). O aniversariante entra na sala, senta-se, a professora coloca a coroa e a capa e inicia a história de aniversário. Os pais ficam sentados próximos ao filho. Terminando a história canta-se uma música especial de aniversário e em seguida a música de aniversário tradicional. A vela que eles enfeitaram (chamada 'vela da vida') fica sobre o bolo e será levada para casa como lembrança. Também a coroa é levada. O lanche é servido (neste dia geralmente tem pipoca) e, de sobremesa, o bolo. O ritmo do resto da manhã segue normalmente. *Veja figura 27 no apêndice.*

Quanto à história de aniversário, é importante que ela não seja longa demais, o ideal é que não dure mais que três minutos para não ficar algo cansativo. A história que a professora for contar deve ter um sentido verdadeiro para ela, por isso pode criar e recriar imagens de acordo com sua fantasia e criatividade. A história deve ser criada de acordo com o histórico de cada criança. Segue adiante uma sugestão de história de aniversário que é longa, porém a professora pode criar uma outra a partir dessa. A professora também pode fazer algum teatro para ilustrar a história.

HISTÓRIA DE ANIVERSÁRIO

Existe lá no céu um castelo dourado muito grande onde moram as crianças lá do céu. Cada criança do céu tem um anjo que sempre a acompanha.

No castelo dourado, elas brincam, cantam, escutam música que os anjos tocam em seus instrumentos dourados, comem de pratinhos dourados, com colheres de ouro e bebem de copinhos dourados.

Certa vez, uma criança do céu, olhando pela janela do castelo avistou a Terra. Viu quantas coisas bonitas existem na Terra. Crianças brincando, jardineiros cuidando de canteiros floridos, como são coloridas as flores da Terra! Ela viu também homens lançando no mar as suas grandes redes; como é lindo o mar, cheio de ondas! Viu barcos navegando nas águas do mar, peixes nadando nos rios, a água das cachoeiras batendo nas pedras; viu muitas borboletas voando ao redor das flores. Mulheres amassando a farinha e fazendo pão. Homens construindo diferentes instrumentos de música. Ela ficou com tanta vontade de ir para a Terra! Então, falou para o seu anjo, dessa sua vontade.

- Sim. Talvez já tenha chegado o tempo de você ir morar na Terra. Respondeu-lhe o grande anjo.

Assim, o grande anjo foi falar ao Deus-Pai sobre a vontade daquela criança e Ele deu-lhe sua permissão. Mas ainda havia algo que a criança precisava fazer. Ela tinha que escolher um lugar na Terra no qual gostaria de nascer e também sua família.

Assim, a criança do céu passava algumas horas de seus dias, olhando pela janela do castelo. Viu então um lugar deserto onde havia muita areia, não havia água e era muito

quente, tão quente que ardia a pele dos que lá viviam. Notou também que não havia pássaros e nenhuma árvore fazendo sombra.

- Esse lugar é lindo! Mas não quero nascer ali, não!

No outro dia, ao olhar pela janela do castelo, viu um lugar todo branco, onde a neve cobria até os telhados das casas. Os rios estavam congelados e os poucos animais que lá viviam tinham grossas peles para protegê-los do frio.

E ela pensou: "Oh não! Não quero nascer neste lugar tão frio, não."

Até que chegou um dia em que olhando pela janela do castelo ela viu uma cidade cheia de casas e prédios; com muitas pessoas andando nas ruas, muitas árvores e passarinhos voando ao redor, pessoas construindo mais casas, lixeiros limpando ruas...

E ela pensou: "É nesta cidade que eu quero nascer". Logo foi contar ao seu anjo. Ele então disse-lhe: "Agora preciso avisar na Terra que você vai chegar". Assim fez. Num sonho, avisou a mamãe e o papai que deveriam se preparar, pois uma criança iria chegar para eles.

Retornou e disse à criança do céu que já havia anunciado o seu nascimento na Terra. E que todos ficaram muito felizes.

E o grande anjo disse ainda: "- Agora você tem que esperar por nove luas cheias, até que na Terra tudo esteja preparado para a sua chegada".

A partir de então, todos os dias, a criança do céu ia à janela ver, como estavam os preparativos.

Viu como sua mãe já estava preparando as roupinhas, as fraldinhas, os mantos, o berço, os brinquedos. Até que, já estava tudo preparado para recebê-la.

Finalmente as nove luas cheias passaram e o anjo grande pegou a mão da criança do céu e lhe disse:

"- Chegou a hora!" Levou-a até um riacho onde havia um barquinho à sua espera.

"- Daqui em diante você continuará sozinha a sua viagem, mas eu estarei sempre aqui olhando e zelando por você. Também guardarei as suas asas para quando você voltar ao céu..."

A criança do céu entrou no barquinho e este deslizou rio abaixo. As águas estavam calmas mas de repente começaram a se agitar, rodopiar e ela teve medo de cair do barquinho: por isso segurou bem firme, mas com tantos redemoinhos, foi se encolhendo, encolhendo e tudo foi ficando escuro, como quando no céu se anuncia uma tempestade e com o medo ela fechou os seus olhos.

Mas de repente, cessou o turbilhão e quando ela abriu os olhos já estava dentro do seu bercinho. Era uma criança da Terra - um menino (ou menina) - e pôde ver então a mamãe e o papai sorrindo para ela... E logo foram chegando a vovó, o vovô, a outra vovó... O nome que o papai e a mamãe escolheram para ele (ou ela) foi

Então o tempo foi passando.

A mamãe pegava-o no colo, dava-lhe de mamar... Ele foi crescendo, engordando e logo começou a engatinhar. Ele começou a dar alguns passinhos em pé... O tempo foi passando... O vento assoprando... e ele comemorou um ano de vida.

Já estava andando com o pé mais firme no chão, pegava as colheres da mamãe para brincar e logo começou a falar mamãe e papai... o tempo foi passando..., o vento assoprando..., e ele comemorou dois anos de vida.

Ele já estava tão esperto! Andava pela casa toda, já sabia até varrer o chão com a mamãe! E o tempo foi passando... e o vento assoprando... e ele comemorou três anos de vida.

Então ele começou a ir para a escola e conheceu muitas crianças para brincar bastante e o tempo foi passando...e o vento assoprando...e hoje, ela está comemorando quatro anos de vida. (aqui fala-se a idade da criança)

As professoras se reúnem duas vezes por semana na escola para realizarem estudos teóricos, discutir sobre as crianças, realizar trabalhos manuais para a sala, decidirem sobre festas, palestras (uma vez que todos decidem em conjunto sobre as coisas que acontecem na escola) e outros assuntos do cotidiano.

*“Não ensine teu filho que as estrelas não são do tamanho que parecem ter: maiores do que a terra!
São lâmpadas que os anjos acendem todos os dias assim que o Sol começa a escurecer...
Não diga a teu filho que as asas dos anjos só existem na imaginação. Já vi meu anjo em sonho e posso jurar que ele tem asas claras que parecem feitas de Luz.
Não encha a cabeça do teu filho ensinando-lhe hipóteses precárias que amanhã de nada servirão.
Dá-lhe uma provisão de bondade que chegue para a marcha da vida, infunde-lhe na alma o amor de deus e tudo o mais, por acréscimo ele terá.”
Dom Helder Câmara*

5. A Pedagogia Waldorf em Pesquisas Brasileiras

A Pedagogia Waldorf tem sido objeto de estudo em algumas Universidades. Tive acesso a duas pesquisas.

Em 1988, Maria Aparecida Z. Struchel da Universidade Estadual de Campinas teve uma Escola Waldorf (da cidade de São Paulo) como elemento para sua tese de mestrado intitulada: *Uma escola exotérica*. Nesta tese, a autora faz uma discussão sobre ‘razão’ e ‘misticismo’ articulando com momentos históricos que surgiram e através dessa base e leitura de algumas obras de Steiner, analisa uma escola Waldorf de São Paulo da época de acordo com seu ponto de vista e a bibliografia a qual teve acesso.

Em 1996, Sueli Pecci Passerini alcançou o grau de Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo com sua obra: *O fio de Ariadne – um caminho para a narração de histórias*. Sua obra foi transformada em livro em 1998. Sueli é pedagoga e possui grande experiência como professora Waldorf. O livro trata do trabalho realizado nas escolas waldorf, no sentido de proporcionar à criança e ao jovem o alimento anímico necessário para seu desenvolvimento equilibrado. Com esse trabalho, ela demonstra como todo ser humano percorre o mesmo caminho evolutivo percorrido pela humanidade desde seus primórdios. Os contos, as lendas e mitos que são transmitidos desde as origens da história humana, retrata metaforicamente o próprio desenvolvimento do ser humano a partir do surgimento do mundo. Sueli trata desse assunto com grande embasamento teórico além de seus longos anos de prática pedagógica. É

um texto que permite uma reavaliação dos instrumentos pedagógicos para a ‘arte de educar’. A autora trata da concepção antroposófica do ser humano, das múltiplas formas narrativas, do desenvolvimento da consciência relacionado à antroposofia e do contar histórias.

É interessante observar a diferença da análise realizada por Maria Aparecida Z. Struchel em sua tese *Uma escola exotérica*, e também a maneira a qual a autora desencadeia a redação em comparação com a dissertação de mestrado *O fio de Ariadne* de Sueli Passerini. A primeira coloca seus embasamentos de acordo com suas leituras e interpretações e a segunda possui um histórico diferente de vivência na escola Waldorf como professora e sua formação nessa pedagogia. É interessante observar a diferenças dos olhares das autoras. Passerini demonstra seu olhar e sua visão interna de vivência nessa prática, enquanto Struchel demonstra seu olhar externo. Além disso, as obras foram escritas em épocas diferentes. Como pode-se notar no histórico da Pedagogia Waldorf, atualmente há um reconhecimento maior desta pedagogia além da existência da Federação das Escolas Waldorf como órgão de representação destas.

6. Análise e Conclusão

Desde a discussão sobre o humanismo, fala-se a respeito de uma pedagogia que leve em conta o ser humano como um todo, em outras palavras, que o homem seja formado adquirindo “ciência, moral e sentimento religioso” (Comenius, apud Manacorda, 1995). A partir de então, várias correntes pedagógicas vêm desenvolvendo um trabalho de atingir a criança em suas aptidões corporais, intelectuais, práticas, afetivas e espirituais.

A Pedagogia Waldorf surgiu através de Rudolf Steiner (1861-1925) que trouxe uma discussão em torno do ser humano, para que este se desenvolva de uma maneira que se torne livre na fase adulta para dar direções a sua própria vida. Na realidade, é uma formação que não visa unicamente a criança ou o aluno apenas em sua fase escolar, e sim uma formação para toda a vida. Dessa forma, essa prática pedagógica conta com a arte e com a espiritualidade para que se trabalhe todos os âmbitos do ser humano e não apenas o intelectual. A Pedagogia Waldorf tem por objetivo atingir o ser humano em corpo, alma e espírito.

Podemos perceber a relação de muitos princípios da Pedagogia Waldorf com os propostos pelo movimento humanista. O humanismo tinha o objetivo de colocar o homem como centro, além de valorizar a autonomia, a ingenuidade e a inocência para dar vida a uma nova visão de criança. Essa visão permeou diversos métodos e práticas pedagógicas que surgiram a partir de então, inclusive a Pedagogia Waldorf. Enquanto Comenius (apud

Manacorda, 1995) defendia sobre a importância de o homem adquirir: “ciência, moral e sentimento religioso” (sendo que ele já os possuía uma vez que tinha que desenvolvê-los através da educação), Rudolf Steiner defendia o trabalho da educação com o “pensar, o sentir e o querer” de cada indivíduo.

Montaigne, segundo Manacorda (1995), reconhecia a necessidade da educação para preservar o espírito da criança e conduzi-la ao desenvolvimento segundo uma constituição natural. Para ele todo o homem pode achar em si o conhecimento da humanidade inteira através de uma regra que melhor convinha à sua índole. Além disso ele era a favor da verdadeira ciência (“que dá os porquês”) uma vez que poderia servir para a vida. É possível fazer uma relação do pensamento descrito com os princípios de Rudolf Steiner. O que a antroposofia acrescenta, é que se tenha um momento certo para desenvolver cada âmbito em um indivíduo: a confiança no primeiro setênio, a autoridade no segundo, a liberdade no terceiro setênio (aprender fazendo, aprender sentindo e aprender pensando respectivamente). Esses âmbitos estão melhor descritos nos itens sobre os setênios.

Ainda sobre o respeito às fases do desenvolvimento do homem, algo que a Pedagogia Waldorf defende é a alfabetização no ano em que a criança completa sete anos de idade. É algo novo, cheio de fantasia e criatividade para a criança, principalmente pela maneira a qual a alfabetização é iniciada. Através das crianças de primeiro setênio observadas pude notar como o brincar, o “ser criança”, é vivenciado nessa fase.

Com a educação baseada nas diferentes fases de desenvolvimento do ser humano, o professor deve almejar formar, segundo Lanz (1979), - respeitando as particularidades de seus alunos – indivíduos conscientes de suas práticas na sociedade. Isso faz com que o jovem sinta que a liberdade não é apenas um direito, implicando dessa forma em muitas responsabilidades. A relação defendida pela teoria da Trimembração do Organismo Social mostra o papel do indivíduo perante a sociedade.

Para um educador trabalhar com essa visão de ser humano, é preciso uma atitude intensa de reflexão, auto-educação e conscientização de sua tarefa pedagógica. É necessário um esforço pedagógico no sentido de fazer com que a criança vivencie as mais diversas situações para mais tarde chegar à reflexão e ao conhecimento. Além disso, também é meta desse mesmo educador despertar para a sensibilidade artística e espiritual do aluno.

A realidade educacional no Brasil atualmente pede novas saídas e, acredito eu, essas saídas sairão de educadores conscientes e comprometidos com sua prática. O mundo e a ciência de uma maneira em geral estão em transformação constante. Também como afirma Brandão (1994), “A modernidade se caracteriza por uma ruptura com a tradição que leva à

busca, no sujeito pensante, de um novo ponto de partida alternativo para a construção e a justificação do conhecimento” (p. 20).

A Pedagogia Waldorf teve início na Europa e desde a época em que veio para o Brasil, há uma busca constante de um “abrasileiramento”, ou seja, adequação à realidade de cada região em que se encontra para dessa forma ter seu valor e seu sentido.

Dentre todas as escolas Waldorf espalhadas pelo Brasil, algumas são particulares (geralmente mantidas por uma associação, ou seja, os pais são donos da escola também enquanto seus filhos lá estiverem), outras já conquistaram espaço no município em que estão sendo mantidas por ele ou tendo alguma ajuda financeira (como é o exemplo de uma escola do Rio de Janeiro e também em Minas Gerais) e outros realizam trabalhos em favelas (como é o caso de uma de São Paulo). Cada escola é única e seu trabalho estará de acordo com as condições reais e possíveis do local no qual estão inseridas e da comunidade. É importante que o trabalho e o ensino da escola esteja de acordo com a região e com a característica da população que atende. Esse é um movimento que está se expandindo, um exemplo são escolas que surgem por todo o mundo em diversos continentes e possuem características bastante diferenciadas. A Federação das Escolas Waldorf, no Brasil, possui como uma de suas metas essa adequação da proposta à nossa realidade.

A arte vem conquistando seu espaço em alguns cursos de Pedagogia (espaço curtíssimo ainda) em nome dessa formação do ser humano de uma forma completa e que desenvolva suas várias linguagens e habilidades. Isso mostra como a própria formação dos profissionais da educação é falha nesse sentido. Acredito que para um professor trabalhar com esses diversos elementos, ele tem que vivenciá-los primeiramente. Através de sua auto-transformação ele pode contribuir em também transformar seus alunos com seu trabalho. Por isso penso ser de extrema importância o trabalho interno e consciente de qualquer educador uma vez que ele estará transmitindo e influenciando os alunos que por ele passam.

Penso que a Pedagogia Waldorf tem muito a acrescentar nas discussões atuais sobre a educação, e por isso, acredito na importância dessa pedagogia chegar ao conhecimento dos profissionais em formação. É interessante ouvir falas de ex-alunos de escolas Waldorf que falam que o ensino acontece realmente de uma forma mágica. Isso mostra que não é apenas o que se trabalha nas escolas que tem importância, mas também a maneira que se trabalha. De qualquer maneira, o professor é figura central e possui extrema importância para o trabalho com os alunos.

7. Referências Bibliográficas

BERTALOT, Leonore. *Criança querida – o dia-a-dia da alfabetização*. 2. ed., 1995.

BRANDÃO, Zaia (org). *A crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
(Coleção questões de nossa época).

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. Tradução de Álvaro Lorencini. Editora Unesp, 1999.

CARNEIRO, Hélio. *Waldorf – a educação através da sensibilidade*. Revista Seu Filho e Você, Rio de Janeiro, ano 1, n.6, p.28-31, set. 2001.

FREITAS, L. C. de – *Organização do trabalho pedagógico*. Revista de Estudos, Feevale, 1991.

FRIEDENREICH, Carl A. *A educação musical na escola Waldorf*. Trad. Edith Asbeck. 1990.

GLAS, Norbert. *Os temperamentos*. Tradução de Jacira Cardoso. 2. ed., 1995.

GREUEL, Marcelo da Veiga – *A obra de Rudolf Steiner* São Paulo: Antroposófica, 1994.

_____, Marcelo da Veiga – *Holismo e Pedagogia*, 1996. Disponível em:
<<http://www.sinepe-sc.org.br/jornal/out96/entre.htm>> Acesso em maio de 2003.

_____, Marcelo da Veiga. *Pedagogia Waldorf: possibilidades e problemas*. Cultura, n. 25, maio, 1997.

HEYDEBRAND, Caroline Von. “A natureza anímica da criança”, Editora Antroposófica.

HUBERT, René – *História da pedagogia* São Paulo, Editora Nacional, 1976.

- IGNÁCIO, Renate Keller – *Criança querida: O dia-a-dia das creches e jardim de infância*. Associação Comunitária Monte Azul.
- JAFFKE, Fraya – *Jardim de Infância – Palestras de Fraya Jaffke proferidas em 1997*. Anotações de Maria Bárbara Trommer.
- KÖNIG, Karl. *Os três primeiros anos da criança – A conquista do andar, do falar e do pensar e o desenvolvimento dos sentidos superiores*. Trad. Karin Glass. 3. ed., 1997.
- KÜGELGEN, Helmut Von. *A educação Waldorf (aspectos da prática pedagógica)*. Tradução de Alcides Grandisoli. 2. ed., 1997.
- LANZ, Rudolf – *A Pedagogia Waldorf: Caminho para um ensino mais humano*. São Paulo: Antroposófica, 1979.
- LIEVEGOED, Bernard. *Desvendando o crescimento – As fases evolutivas da infância e da adolescência*. Tradução de Rudolf Lanz. 2. ed., 1996.
- MANACORDA, Mario A. – *História da Educação* São Paulo: Cortez, 1995.
- MIZOGUCHI, Shigueyo Miyazaki – *O movimento das escolas waldorf no Brasil e no mundo*
Disponível em: <<http://www.sab.org.br/fewb/>> Acesso em maio de 2003.
- MORIN, Edgar – *Ciência com consciência* Tradução de Ana Sanchez. Barcelona: Anthropos, 1984.
- PASSERINI, Sueli P. *O fio de Ariadne: Um caminho para a narração de histórias*. São Paulo: Antroposófica, 1998.
- PEDAGOGIA WALDORF – Catálogo para exposição na 44ª reunião da Conferência Internacional de Educação da UNESCO, Genebra, 1994.
- PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF. Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 1998.

PROPOSTA EDUCACIONAL WALDORF PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001.

SCHEVEN, Karin Evelyn – “Minha querida boneca”. Edição do autor.

STEINER, Rudolf. *A arte da educação*, 3 vols. (Vol. 1: *O estudo geral do homem, uma base para a pedagogia*, trad. Rudolf Lanz e Jacira Cardoso, 1988; Vol 2: *Metodologia e didática*, trad. Rudolf Lanz; Vol 3: *Discussões Pedagógicas*, trad. Rudolf Lanz, em preparo) 1. ed., 1995 (vol. 1: 1. ed. 1988 e vol. 2, 1992).

_____, *Andar, falar, pensar*. Tradução de Jacira Cardoso. São Paulo: antroposófica, 1983.

_____, *A educação da criança segundo a Ciência Espiritual*. Tradução de Rudolf Lanz. São Paulo: Antroposófica, 1987.

_____, *A prática pedagógica*. Tradução de Christa Glass – São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2000.

_____, *O mistério dos temperamentos*. Tradução de Andréa Hahn. 2. ed., 1996.

_____, *Os doze sentidos e os sete processos vitais*. Tradução de Christa Glass. 1997.

STRUCHEL, Maria Ap. *Uma escola exotérica*. Tese de mestrado: Universidade Estadual de Campinas, 1988.

8. Apêndice

TRIMEMBRAÇÃO SOCIAL

De acordo com a proposta Educacional Waldorf (1998), segundo os princípios de liberdade (âmbito cultural), igualdade (âmbito jurídico administrativo) e fraternidade (âmbito econômico), a escola Waldorf é concebida como um micro organismo social, à margem do macro organismo social, em que se diferenciam três esferas:

- A esfera pedagógica, que diz respeito à questão cultural.
- A esfera jurídico-administrativa, que regulamenta a vida institucional.
- A esfera sócio-comunitária, que se ocupa das necessidades que surgem das inter-relações humanas.

Quanto à esfera pedagógica, esta é referente à tarefa pedagógica propriamente dita. O corpo docente administra em autogestão todos os aspectos referentes à atividade pedagógica. O trabalho conjunto se sustenta na autonomia e na responsabilidade individual. Para o desenvolvimento dessas atitudes e capacidades individuais, é preciso que reine a Liberdade, que assegura a iniciativa, a participação, o compromisso.

A esfera jurídico-administrativa é integrada por pais, professores e amigos da escola, que trabalham no sentido de normatizar direitos e deveres levando em conta o princípio da Igualdade.

A esfera sócio-econômica é integrada por pais, docentes e não docentes que trabalham na instituição para a percepção e atendimento às necessidades da instituição e de seus integrantes. Essas necessidades são materiais (instalações, manutenção, atividades econômicas), individuais (dúvidas, sugestões), grupais (organização de eventos, conferências), comunitárias (cooperação entre as diferentes escolas, diferentes grupos e também auxílio às comunidades carentes). Para isso, é preciso um espírito de cooperação baseado na Fraternidade.

CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO SEGUNDO A ANTROPOSOFIA

O que a concepção sensória descobre no homem, e que a concepção materialista considera como o único aspecto válido em sua natureza, constitui apenas uma parte para a pesquisa espiritual.

“Procurando compreender a entidade humana, constataremos, à primeira observação, que seu corpo é constituído pelas substâncias ou elementos químicos que também formam o

mundo ao nosso redor. O mesmo carbono, oxigênio, cálcio, ferro, etc., acham-se na constituição de ambos. Essas substâncias e suas composições entram no corpo e dele saem num fluxo contínuo, pela respiração, pela alimentação e pela secreção” (Lanz, 1979, p. 13). O *corpo físico* do homem está sujeito às leis da vida física, compondo-se das mesmas substâncias e forças que formam o resto do mundo inorgânico. Segundo a Ciência Espiritual o homem possui esse corpo físico em comum com o reino mineral.

Acima desse corpo físico, há o *corpo vital ou etérico*. Trata-se de uma “força” vital que atua na planta, no animal e no corpo do homem provocando as manifestações da vida. Os seres vivos (Rudolf Lanz, 1979) têm uma existência limitada no tempo; eles nascem e morrem, enquanto uma pedra nunca cessa de ser a mesma pedra, a não ser que forças externas, e não inerentes à sua própria essência, venham a modificar ou destruir-lhe a forma. O corpo etérico é objeto de observação e não apenas de raciocínio e conclusão. A percepção de sua existência está além do sensório (o que podemos perceber com nossos sentidos). Ele é construtor do corpo físico, seu habitante e arquiteto. Corpo físico e corpo etérico apresentam, no homem, tamanho e forma aproximados.

Tanto o animal como a planta vivem. Enquanto a planta aparece como um ser adormecido (estado de sono), o animal vive num estado de vigília. Estes últimos sentem, reagem, têm impulsos, manifestam atitudes de atração (simpatia) e repulsa (antipatia), etc. Além disso, a planta é aberta, exposta e permeável às forças que vêm de fora (através da superfície da folha de acordo com a descoberta de Goethe). O animal, por outro lado, possui uma espécie de espaço interior que não é apenas físico (estruturação do corpo, órgãos, etc), mas também anímico (mundo próprio de reações, instintos, atitudes). Enquanto a planta se realiza no tempo com o surgimento gradativo de suas partes, o animal está pronto e completo desde o seu nascimento (desde o nascimento seu corpo contém todos os órgãos, ele cresce em tamanho, mas não se diversifica – sem contar aqui com os casos de metamorfose de insetos que possuem outra explicação).

Todos esses fenômenos ao ligados à existência de um veículo que não existe nas plantas, mas está presente nos animais. Também esse veículo aparece como um ‘corpo’ mais sutil do que o corpo etérico, é o chamado *corpo de sensações ou astral*: portador de dores e prazeres, instintos, apetites, paixões, etc. É um veículo da vida sentimental que o homem compartilha com o reino animal.

“Só o homem tem consciência de si próprio, a auto-consciência que o faz ter plena noção de si mesmo frente ao mundo” (Lanz, 1979, p. 20). O homem possui o quarto membro de sua entidade que faz parte apenas do reino humano. Trata-se do “eu” humano, centro

autônomo de sua personalidade. Ao designar-se como “eu” o homem dá, em seu íntimo, um nome a si próprio. Ele é o portador da alma humana superior e ele vai purificando e aperfeiçoando os outros membros durante o desenvolvimento humano. “O eu lhe dá a sua personalidade, o eu pensa, sente e deseja através dos seus corpos inferiores, o eu ama e odeia, cobiça e renuncia, comete atos bons ou maus” (Lanz, 1979, p. 22). O eu é eterno como elemento espiritual autônomo, não está sujeito a limitações do espaço e tempo.

“O mineral, a planta e o animal são criações. O homem é criação e criador. Criado por forças exteriores a ele, libertou-se, pelo menos parcialmente, dessas forças criadoras, tornando-se autônomo e criador. Ele continua a obra da criação; como pensador, filósofo ou artista, acrescenta ao mundo algo de novo. Sua liberdade está em oposição ao determinismo inelutável que domina os reinos inferiores” (Lanz, 1979, p. 22).

Fala-se, então, em quatro membros da entidade humana: o corpo físico, corpo etérico ou vital, corpo astral ou de sensação e corpo do eu (quadrimembração do homem).

Do convívio do eu com os corpos inferiores, nasceu um conjunto autônomo de atitudes e faculdades que se chama vulgarmente de alma. Esta é um elemento de ligação entre o eu e o mundo. O eu sente e age através desse instrumento (Lanz, 1979).

A alma se manifesta de três formas. Para maior simplicidade a antroposofia fala de três almas:

(1) – A alma sensível ou alma da sensação: ela traz a consciência das sensações, a vivência de uma impressão sensorial – por exemplo, de uma cor, de uma obra musical, de uma dor. Através da alma sensível o homem vivencia o mundo.

(2) – A alma do intelecto ou do sentimento: por meio dela o homem formula pensamentos. Ele põe em ordem as sensações recebidas, ele compreende o mundo, ele constrói um universo interno de pensamentos e de idéias. A abstração, o pensar conceitual, são resultados da existência dessa alma do intelecto. Ciência e filosofia são os seus frutos.

(3) – A alma consciente ou a alma da consciência: traz ao homem a consciência da sua própria individualidade e o choque entre o seu ego e o mundo. Ele se sente distanciado, abandonado; em conseqüência, sofre por seu isolamento, duvidando de tudo e não se dando mais por satisfeito com explicações fornecidas pela alma racional.

A antroposofia propõe um caminho ao homem moderno para transpor o abismo que a alma consciente abriu entre ele e o mundo.

OS TEMPERAMENTOS

Rudolf Steiner fala em quatro temperamentos. “Em geral, coexistem na mesma personalidade traços de dois ou mais temperamentos” (Lanz, p. 63).

A criança [sangüínea] pode ser chamada de ‘aérea’. Seus movimentos consistem em pulos, não coloca os pés firmemente no chão, dificilmente se fixa a uma ocupação ou se prende por muito tempo a uma tarefa. É geralmente inteligente, mas carece de perseverança e concentração. Nesta criança há o predomínio do elemento aéreo e dos processos de respiração e circulação. De uma maneira geral, a infância possui um caráter sangüíneo se comparado às outras idades.

O temperamento [melancólico] é oposto ao sangüíneo. Ao contrário da leveza e da alegria, a criança caracteriza-se pelo peso e pela tristeza. A criança cria dentro de si um mundo imaginário em que gosta de isolar-se. Seus movimentos são lentos e desajeitados ao contrário da agilidade da criança sangüínea. “A melancolia só pode ser superada por muito calor: seja pelo afeto e compreensão que vem de fora, seja por um calor da alma que nasce quando a criança tem a sua atenção desviada para outras pessoas que sofrem ainda mais do que ela própria” (Lanz, p. 64). Este temperamento possui afinidade com o elemento terra devido sua caracterização.

O temperamento [colérico] é ligado ao elemento fogo. Em geral, a criança colérica é pequena e atlética e à primeira ocasião ‘estoura’ em uma atitude de violência descontrolada fora da proporção com a causa do incidente. Passada a raiva, o colérico será o primeiro a lamentar seu comportamento. É, geralmente, uma criança corajosa, responsável, aplicada, líder.

Na criança [fleumática] (elemento água), pode-se perceber um corpo com mais peso, uma sonolência, falta de interesse para o que acontece ao seu redor. Geralmente é uma criança que mostra uma grande bondade em relação aos colegas e uma enorme fidelidade. Introversa e não gosta de ser incomodada.

As aulas de música são de extrema importância para o trabalho com os temperamentos. Existe bibliografia indicada sobre o assunto (*Vide referências bibliográficas*).

KÂNTELE

O kântele é um instrumento de cordas da família das liras, originário da Finlândia. Rudolf Steiner resgatou o instrumento no início do século XX e o indicou na área pedagógica e terapêutica. É composto por um jogo de cordas montadas sobre uma caixa acústica de madeira. Sua técnica é de fácil execução e é uma ferramenta pedagógica que pode ser usada para acompanhar o canto, criar ambiente sonoro para estórias, improvisar e compor. A atmosfera criada pelo instrumento é de sonho e harmonia. Acalma as crianças antes de dormir e ajuda na concentração, qualidade essencial para o período de alfabetização.

Fonte: www.ouvirativo.com.br

Fig 1-1º dia de aula do 1º ano - Desenho de lousa

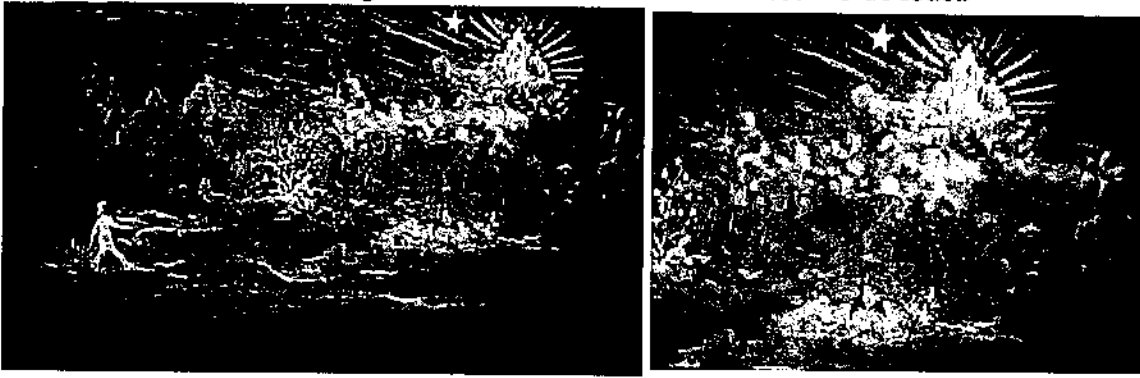


Fig.2 - Desenho de lousa – Páscoa – feito pela professora do 1º ano



Fig.3 - Letra A – Aurora



Fig.4 - Matemática -Número 4 - Quatro reinos

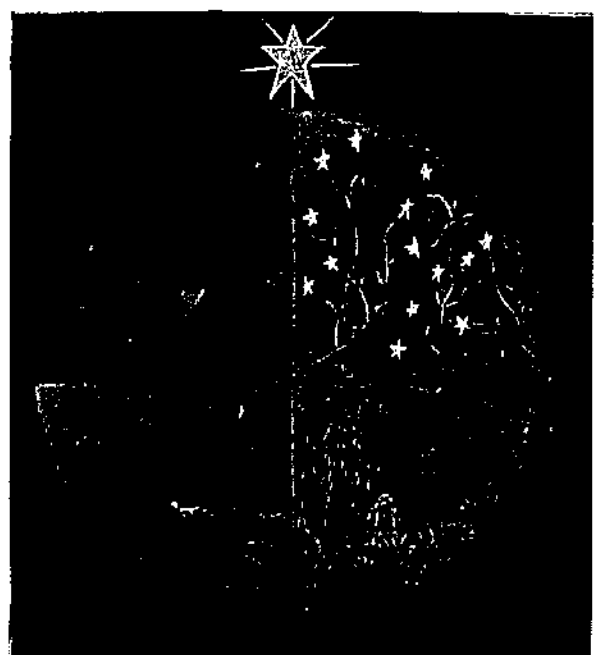


Fig. 5 - Trabalhos Manuais 1º ano



Fig. 6 - Exposição de Aquarelas do Jd. de Infância

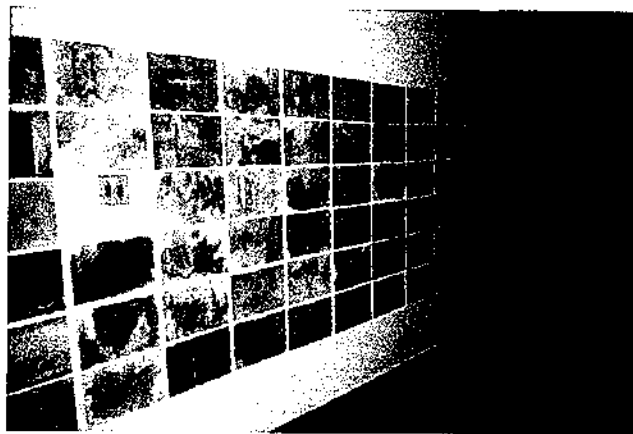


Fig. 7 - Desenho com giz de cera de abelha – Criança de 1º ano – Época de Natal



Fig.8 - Desenho de criança do 1º ano (aquarela e giz de lousa)



Fig. 9 - Lousa da Aula Principal 1º ano



Fig. 10 - Caderno de classe – horta e pomar (criança de 1º ano)

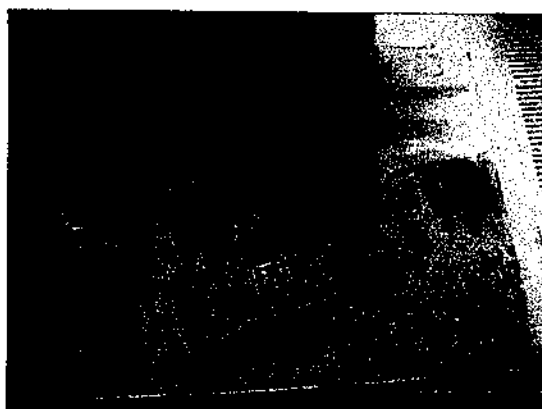


Fig. 11 - Caderno do 2º ano

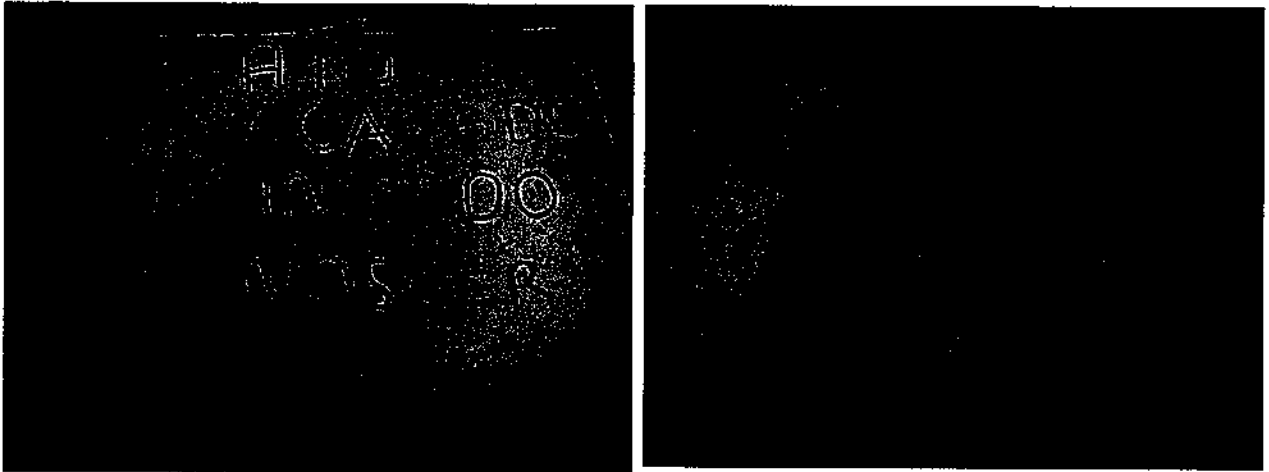


Fig. 12 - Tabuada no 2º ano

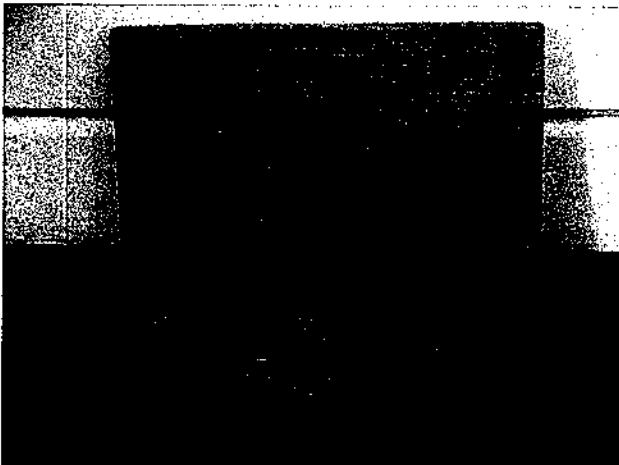


Fig. 13 - Matemática no 2º ano - Calendário

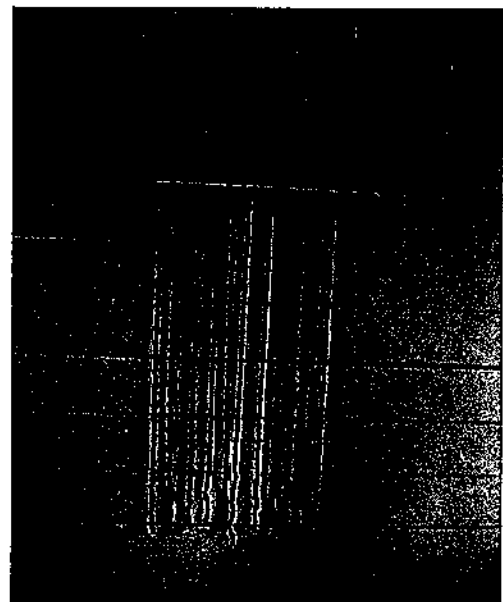


Fig. 14 - 2º ano Matemática - número 12 - Professora e as crianças



Fig. 15 - Ponto Cruz - 4º ano

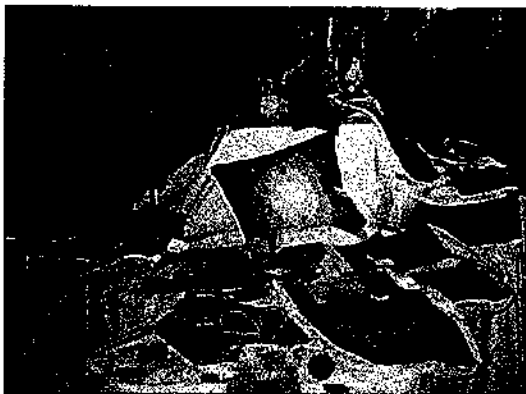


Fig. 16 - Sobreposição de formas 11º ano

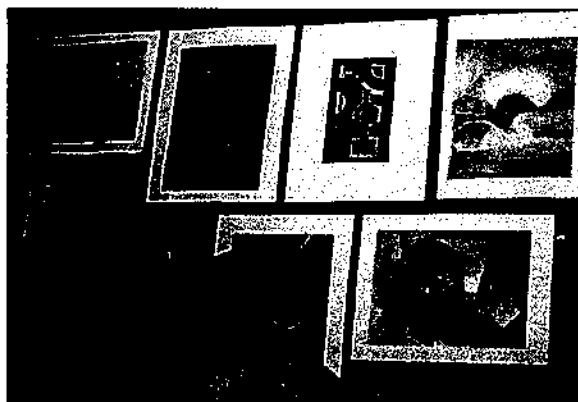


Fig. 17 - Oitavo ano

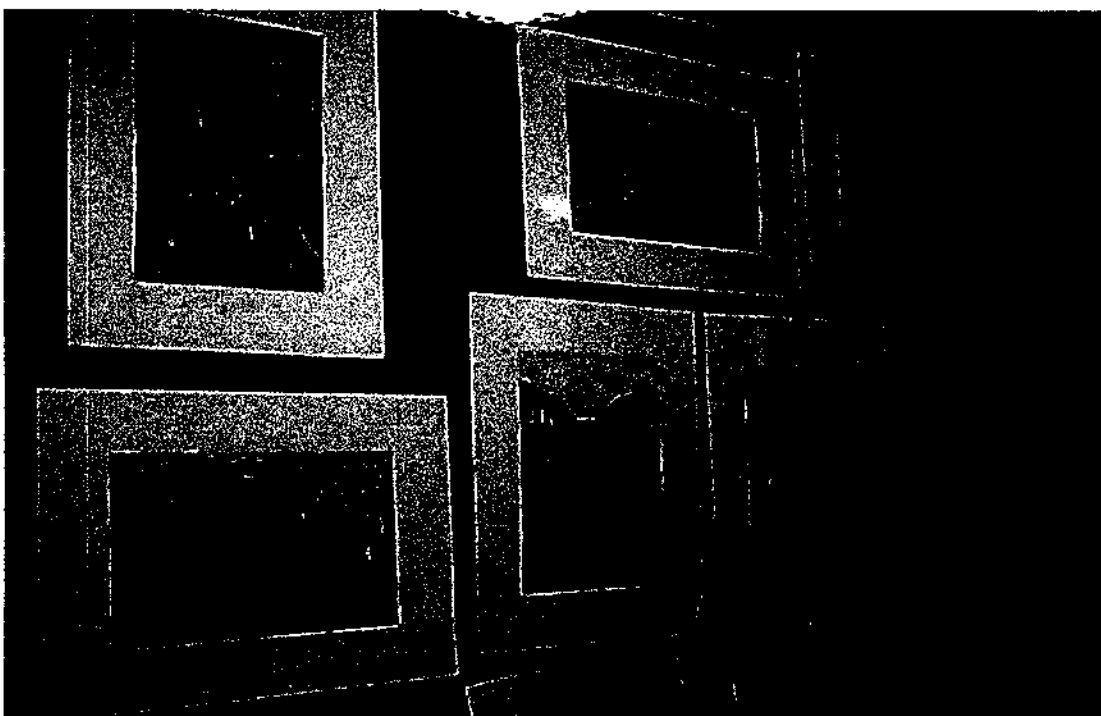


Fig. 18 - Mães confeccionando coroas de flores na Festa da Primavera



Fig. 19 - Brincando dentro da sala do Jardim de Infância



Fig. 20 – Culinária no maternal



Fig. 21 – Brincando fora da sala – contato com a natureza – Jd. de Infância



Fig. 22 – Cantinho de época - Páscoa



Fig. 24 – Desenho de uma criança de 1º ano sobre a época de Micael. (Vencendo o dragão)

Fig. 23 – Desenho da história da menina da lanterna feito por uma criança do 1º ano



Fig. 25 – Roda na Festa da Primavera – Jardim de Infância



Fig. 26 - Apresentação de crianças do 1º ano (flauta) na Festa da Primavera.



Fig. 27 – Comemoração de aniversário – Jardim de Infância



